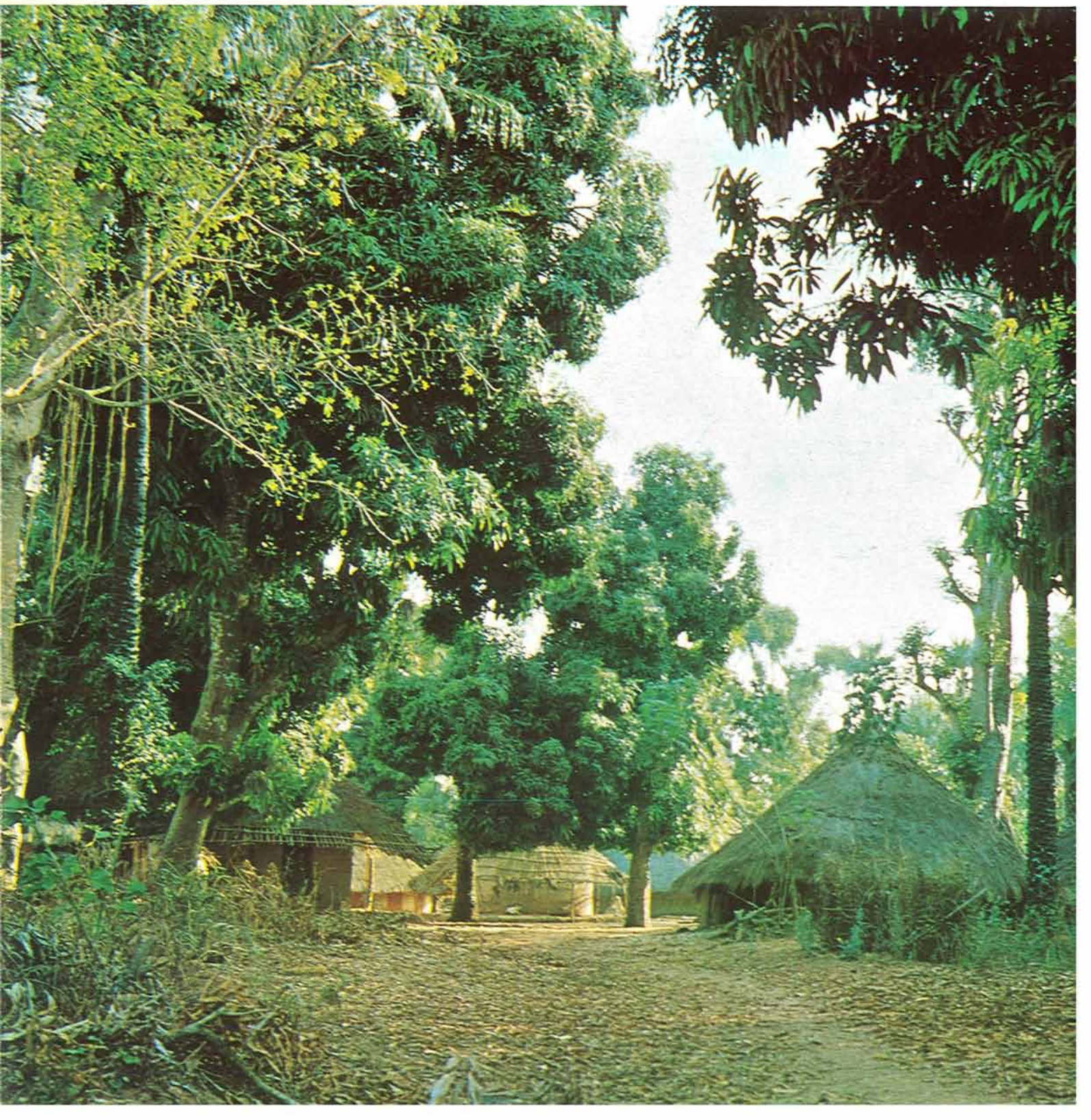
N.º 3 / DEZEMBRO 1971 / ANO I

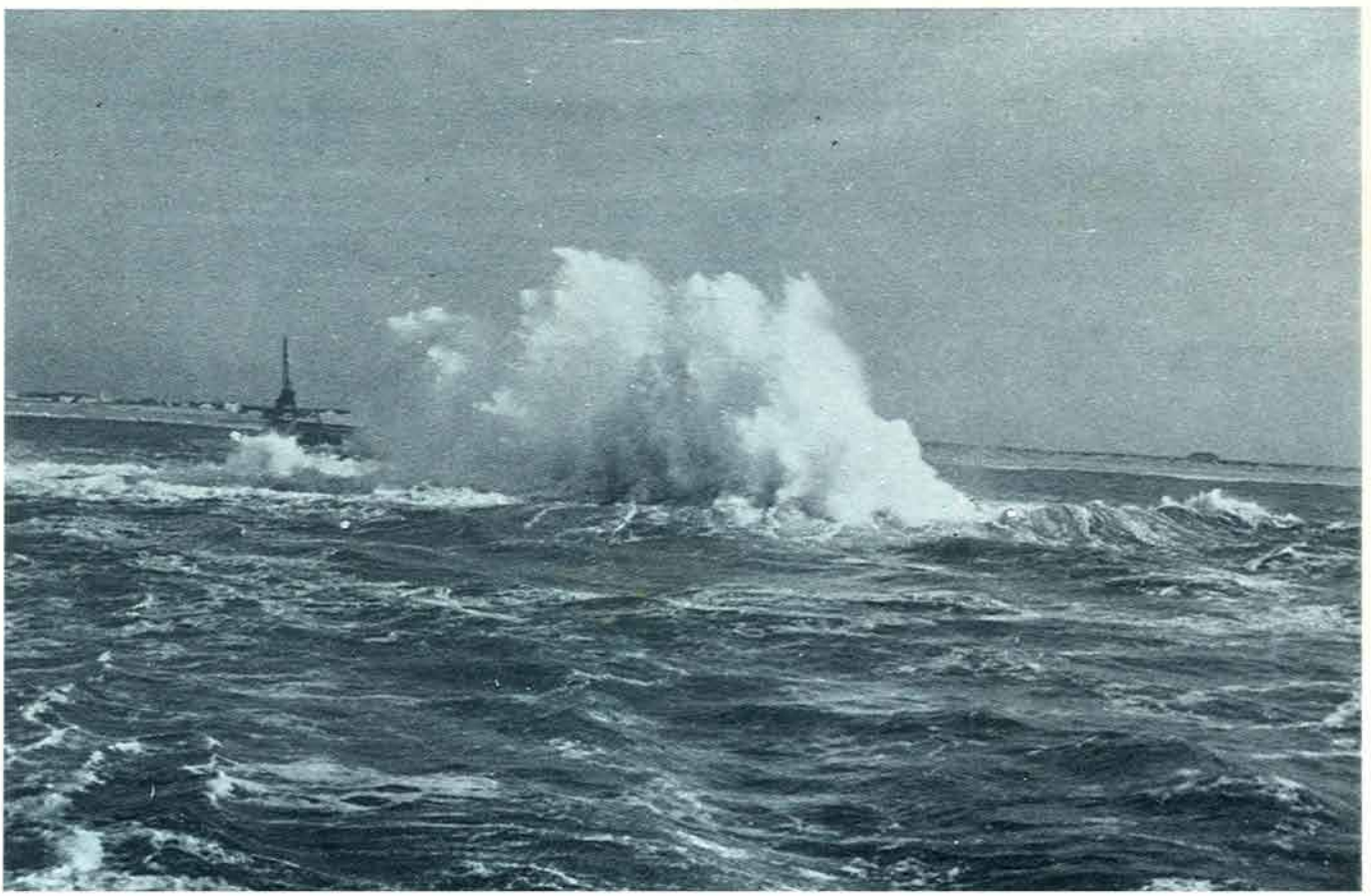
revista da ARMADA



sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
A. Chuquere	**«Requiem» por uma Barca**	4
	Efemérides Navais Relativas aos Meses de Novembro e Dezembro	4
O. Lemos	**Bibliografia**	5
R. Rosa	**O Amor do Marinheiro pelo seu Navio**	6
	A Pátria Honrai	7
	Saibam Todos	8
	Notícias Pessoais	9
	Ciências, Artes e Letras	
O. Lemos	Albrecht Dürer – *Comemorando um Centenário*	10
	Voz da Abita	12
Rosa	**Cartas Perdidas**	13
	O Último Herói de Diu	14
	Desportos	16
M. Almeida	**Espectáculo**	17
S. Cabeçadas	**Capela de S. Roque do Ministério da Marinha**	18
	Reportagem	21
	No Mundo Aconteceu	30
	Quarto de Folga	32

Rebentar do mar no paredão sul da barra de Aveiro (Foto de J. M. Troia da Rocha)



REVISTA DA ARMADA

Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 3/DEZEMBRO DE 1971/ANO I

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil (Via marítima) 26$00

Na capa:

Guiné — Bijagós
Um Paraíso ignorado
Foto do cap. ten. EMQ A. Lourenço

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

NATAL... É NATAL...

Que me desculpem os outros, mas esta nota é escrita especialmente para os que estão ausentes.
Natal, palavra mágica que faz desencadear um mundo de recordações em todos aqueles que, como eu, têm já um bom par de anos sobre os ombros.
Noutros tempos, falar de Natal era o mesmo que falar na família, na grande fogueira à volta da qual ela se juntava toda, nas filhós, nas rabanadas, no repicar dos sinos a chamar os fiéis para a Missa do Galo, na chuva impiedosa a cair sobre a terra encharcada, nos caminhos lamacentos que percorríamos para ir a casa dos amigos...
Refiro-me, evidentemente, ao Natal das aldeias, que era o autêntico, ō genuíno Natal português. Não havia luz eléctrica, não havia automóveis, não havia rádio nem televisão; iluminávamo-nos com velas e petróleo, andava-se a pé e conversava-se à lareira... e cantavam-se as Janeiras, a anunciar o nascimento do Menino Jesus.
Tudo isto passou... é história antiga. A família ainda se reúne, mas a romântica fogueira que ardia toda a noite apagou-se, dando lugar ao fogão de gás, calaram-se as vozes do povo cantando nos pátios e alpendres das casas ricas... O Natal perdeu beleza.

Perderia também verdade?
Apesar de tudo, o Natal continua a ser a maior das festas do ano. A diferença é apenas exterior. Por dentro, no coração e na alma dos portugueses, ficou na mesma, não mudou nada!
E não me parece ousadia afirmar, por experiência própria, que não há quem o sinta melhor que os marinheiros, afastados tantas vezes da família, nessa quadra tão profundamente humana.
Nós, que vos escrevemos, somos felizes este ano. Estamos em casa e vamos passar o Natal com os que nos são queridos. Mas já estivemos também aí, na Guiné, em Angola, em Moçambique, no mar... Por isso vos compreendemos e estamos convosco em espírito. Recebam um abraço amigo de todos quantos trabalham na «nossa Revista» e os desejos de boa comissão.
Que as lágrimas que certamente hão-de turvar vossos olhos nessa noite de saudade e nostalgia venham a ser compensadas pela alegria do regresso e do dever cumprido. FELIZ NATAL.

"REQUIEM" POR UMA BARCA

«...numa manhã de nevoeiro, depois de uma noite de chuva maconde (*), a embarcação foi vista da torre, com a popa quase submersa.»

Assim me chegou a notícia, assim vim a saber da sorte desta velha embarcação, que nas longínquas mas portuguesíssimas águas do Niassa terminava os seus dias, cansada de viver e sem forças para mais flutuar!

A MINA já era de certa idade! Embora não tivesse registo — o seu cartão de identidade perdera-se através dos tempos —, viera já adulta da Metrópole, donde emigrara, dizem, das bandas de Paço de Arcos, para as terras da aventura, levada pelos homens que a quiseram utilizar, aí por volta dos anos 50.... Nas rudes e laboriosas canseiras de uma hidrografia, cujas tarefas são sempre bem árduas, trabalhando dia a dia, sulcando as águas numa prestimosa utilização constante, o seu coração, a sua máquina, foi-se a pouco e pouco enfraquecendo, ao mesmo tempo que todo o seu corpo outrora de boa fibra, foi permeável ao desgaste do tempo.

Mais tarde, sòzinha e abandonada, ficou nessas paragens de sonho, arrumada numa margem, moribunda e infeliz, à espera da sua hora, que certamente degradante seria, pois nada há de mais triste na morte de um navio do que o morrer na margem.

Mas a sua hora não tinha chegado e o facto é que, por alturas de 69, outros homens da família dos mesmos que a tinham para ali levado a viram e lhe acudiram. A MINA foi restaurada, sofreu uma grande operação, tiraram-lhe as entranhas, alindaram-na, pintaram-na e, porque já o merecia, deram-lhe um lugar de destaque, tornaram-na em figura de representação, colocada em local de panorama extasiante, que viria a ser, afinal, o sítio que escolheu para se finar!

A inauguração do seu novo poiso, com toda a solenidade que o acto merecia, foi acontecimento que não mais esquece, ocorrido nesse ano de 69, com a presença até das mais altas entidades do distrito.

A MINA nesse dia, com o seu novo fato branco, com o sol a bater-lhe, resplandecente, na sua pintura, estava impecável e linda!

Depois, foi sempre uma vida fácil, com os seus amigos que a visitavam, principalmente nos fins de semana, que com ela iam comer, que a procuravam em grupos ou isolados, para uns momentos de lazer, para um encontro melhor com a natureza.

Até que finalmente desapareceu, como queria, como devia e como é próprio das embarcações que se prezam. Nasceu, algures, na Metrópole e jaz, ali, na explêndida Baía de Metangula, Niassa, Moçambique, Portugal!

Cabe à geração daqueles que ainda a conheceram, que com ela privaram, que dela se lembram, continuar a sua tradição, construindo e fazendo surgir noutro dia de sol a MINA II, silhueta imprescindível no quadro da incomparável beleza do Niassa.

A. Chuquere

(*) *Maconde* — expressão que na gíria naval do Niassa, quer dizer «qualquer coisa em grande», «a nível industrial», etc.

Efemérides Navais
Relativas aos meses de Novembro e Dezembro

1 — Em 22 de Novembro de 1497, Vasco da Gama, na viagem da descoberta do caminho marítimo para a Índia, dobra o Cabo da Boa Esperança.

2 — Em 23 de Novembro de 1507, sai do porto de Cochim uma frota comandada por D. Francisco de Almeida, dirigindo-se a Panane, onde se encontravam detidas muitas embarcações portuguesas. Depois de um violento combate, ficaram vitoriosas as forças portuguesas.

3 — Em 27 de Novembro de 1520, depois de grandes esforços, Fernão de Magalhães consegue terminar a travessia do estreito que tem o seu nome e desemboca no Oceano Pacífico.

4 — Em 5 de Novembro de 1538, termina o primeiro cerco de Diu, devido à heróica defesa dos portugueses, comandados por António da Silveira.

5 — Em 19 de Novembro de 1724, desaba sobre Lisboa um grande temporal, durante seis horas consecutivas, provocando o naufrágio, no Tejo, de 62 embarcações.

6 — Em 19 de Dezembro de 1488, chega a Lisboa Bartolomeu Dias, depois de ter descoberto o Cabo da Boa Esperança.

7 — Em 30 de Dezembro de 1508, D. Francisco de Almeida toma Dabul, na Índia.

8 — Em 15 de Dezembro de 1516, morre o grande Afonso de Albuquerque.

9 — Em 25 de Dezembro de 1524, morre em Cochim, investido do cargo de Vice-Rei da Índia, Vasco da Gama.

10 — Em 4 de Dezembro de 1898, é inaugurado o Aquário Vasco da Gama, em Algés.

bibliografia

NÍTIDO NULO, por Virgílio Ferreira (ficção).

Surgiu mais um livro de Virgílio Ferreira. A crítica debruçou-se com avidez sobre a obra, espicaçada pelo eco do nome; Virgílio Ferreira é alguém na literatura portuguesa. Correu muita tinta e houve lugar para muita contradição, muito pasmo e assombro e ainda alguma maledicência. A obra passa por cima de tudo isso com magnífica indiferença numa afirmação brutal de presença. Uns, falaram de insinceridade que, todavia, não é o mesmo que mentira; outros, apelidaram-na de história aos quadradinhos e banda desenhada; outros, ainda, louvaram-lhe a estrutura e a textura; alguns, referiram a violência da sua gramática... Parece-nos, no entanto, que tudo isso é inútil perante a afirmação de NÍTIDO NULO. Quem o ler terá a satisfação de apreciar alguma coisa de diferente, misto de realidade e sonho (que distingue na vida uma coisa da outra?), de luz e sombra, ora pairando nas estrelas, ora rastejando no pó, visando sempre um objectivo — o Homem. Em nossa opinião vale a pena ler; a descrição do conteúdo é impossível de referir.

PUBLICAÇÕES RECENTES

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO — 4.º Vol. (Sodoma e Gomorra), de Marcel Proust; Editorial Livros do Brasil, comemorando o 1.º centenário do nascimento do grande escritor.

O ULTRAMAR PORTUGUÊS DEPOIS DA RESTAURAÇÃO, por Jaime Cortesão, da Portugália Editora.

SOLDADO VOLTA! — 3.ª edição, de António Cértima.

ANTOLOGIA, de Sophia de Mello Breyner Andersen.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A REVISTA DA ARMADA agradece as seguintes publicações recebidas:

DESTINOS, por Acácio Neves.
CRÓNICAS DO REPÓRTER MAX, por António Fernandes Gomes.
UM POVEIRO NA BIBLIOTECA DE MARINHA: FRANCISCO GOMES DE AMORIM, por Alfredo Motta.
Contributo valioso para o conhecimento de um homem de letras, poeta e escritor, no que ele tem de menos conhecido (mas não menos meritório) — a sua vida como funcionário do Ministério da Marinha, onde serviu durante 38 anos.
O ISLÃO, órgão da Comunidade Islâmica de Lisboa.
SABER PARA VENCER (N.º 25), revista da Escola Central de Sargentos.
LEGISLAÇÃO DE INTERESSE PARA A MARINHA MERCANTE (ANO DE 1968), publicação da Junta Nacional da Marinha Mercante.

O. Lemos

O AMOR DO MARINHEIRO PELO SEU NAVIO

Há cerca de 22 anos largou do Tejo para uma comissão no Extremo Oriente o aviso «João de Lisboa». O Comandante de então recebeu do grumete mais novo da guarnição do navio a carta que a seguir se transcreve na íntegra, não eliminando pormenores de natureza pessoal para não quebrar o ritmo de que vem animada, na sua forma tão simples e emocionante:

«18 de Agosto de 1970

«Exmo. Senhor Comandante:

«Com os mais respeitosos cumprimentos venho à presença de V. Exa., aproveitando um interregno por motivo de férias nas minhas ocupações profissionais, satisfazendo uma dívida moral e uma saudade, que só os marinheiros poderão explicar, saudade esta que vem datando de 1949.

«Sem pretender ofender a memória de V. Exa. peço licença para recordar quem sou, pois que tantos e tantos marinheiros o meu Comandante conheceu não poderá tê-los a todos de lembrança. Era o grumete mais novo do «João de Lisboa», na viagem que teve início em Março de 1949, e que em Outubro do mesmo ano regressei a Lisboa, doente.

«Em 1953, já tratado, tive o prazer de trabalhar com o tão estimado e inteligente irmão de V. Exa. este já pela lei da vida uma eterna saudade — na construção da Refinaria Sacor, onde os seus invulgares dotes de engenheiro marcaram a realização de transportes e montagens à data ímpares em Portugal.

«Fiquei assim ligado nestas facetas da minha vida ao nome da ilustre e boa família de V. Exa. pelo que espero seja compreendido nas minhas razões de coração que me levaram a pegar na pena e assinalar uma presença amiga um respeitoso cumprimento do miúdo que o Sr. Comandante levou ao Extremo-Oriente.

«De longe tenho acompanhado pelas notícias dos jornais vários acontecimentos ligados a esse passado — desde o regresso do navio à sua recente venda. Meus filhos, três rapazes de 11, 10 e 3 anos, ainda não percebem porque a simples notícia da venda de um navio pode fazer chorar o pai. Mas outras dores já vivemos, desde a perda do Sr. Engenheiro ao incêndio do Instituto que o Sr. Comandante acabava de deixar. São acontecimentos dum mundo só meu, em que eles não entraram.

«Ao mesmo tempo que me recomendo à esposa de V. Exa., que tão carinhosamente me foi visitar ao Hospital da Marinha após o meu regresso, permito-me pedir que se nalgum passeio vierem para os lados do Cartaxo eu seria muito feliz e honrado recebendo em minha casa a vossa visita, pois habito numa aldeia a 15 minutos de carro da Vila do Cartaxo.

«Trabalho também relativamente próximo numa fábrica de molas como chefe do serviço de abastecimentos.

«Subscrevo-me com os maiores votos de muita saúde e felicidades para V. Exas.

«Respeitosamente
M. Gonçalves.»

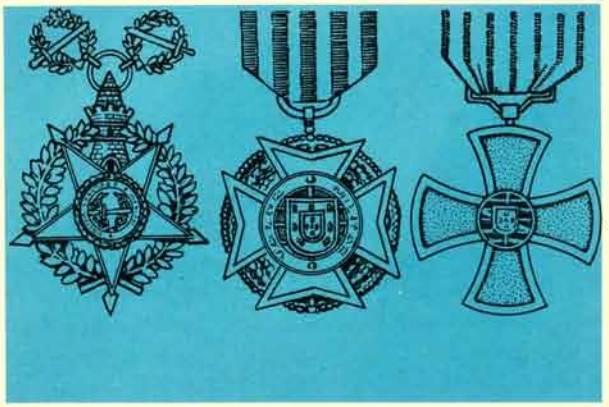
«Meus filhos... ainda não perceberam porque a simples notícia da venda de um navio pode fazer chorar o pai.»

Esta frase também fez chegar aos olhos do hoje já velho e encanecido Comandante de então uma lágrima saudosa.

É assim que os marinheiros amam o seu navio.

R. Rosa

a Pátria honrai



Foi condecorado com a medalha da Cruz de Guerra de 1.ª classe o 1.º tenente FERNANDO ALBERTO GOMES PEDROSA, natural da freguesia de Carvide, Leiria, Comandante do Destacamento n.º 12 de Fuzileiros Especiais, por ter demonstrado ao longo da sua comissão na Guiné qualidades que o impõem como um chefe de forte personalidade que os subordinados respeitam e seguem em todas as circunstâncias.

A acção desenvolvida no comando do seu Destacamento foi de relevância invulgar pelos brilhantes resultados obtidos no que se refere a eficiência, mentalização para o combate, agressividade, discernimento táctico e espírito de entreajuda. A sua actuação em combate teve aspectos de rara valentia, carregando o inimigo em zona aberta e, deste modo, patenteando extraordinária determinação e espírito combativo, firme decisão e elevada competência técnica na manobra do seu pessoal, daí resultando acção decisiva na resolução de situações difíceis.

Revelando sempre uma heróica compreensão do dever militar, da disciplina e da honra, o 1.º tenente GOMES PEDROSA comandou o seu Destacamento de Fuzileiros de forma altamente meritória, correndo várias vezes perigo efectivo debaixo de fogo e frente ao inimigo, a quem infligiu numerosas baixas, da sua acção resultando uma directa e bem assinalada influência no bom êxito do combate.

CRUZ DE GUERRA

1.ª classe:

1.º ten. Horácio Gata Metelo de Nápoles – Guiné (1965)
2.º ten. José Manuel Pinto Bastos Saldanha – Guiné (1965)
2.º ten. Francisco Isidoro M. de Oliveira Monteiro – Guiné (1965)

2.ª classe:

1.º ten. Pedro Manuel Barreira Pessoa Lopes – Guiné (1965)
2.º ten. Alexandre Daniel Cunha Reis Rodrigues – Guiné (1965)
3416/1.º sarg. FZE José Lopes – Guiné (1965)
4136/Mar. FZ Manuel C. Gomes – Guiné (1965)

3.ª classe

3941/1.º sarg. FZE Manuel da Costa André – Guiné (1964)
456/64/Mar. FZE Henrique Candeias Casimiro – Guiné (1970)

4.ª classe

2512/2.º sarg. M Joaquim dos S. Nunes – Guiné (1967)
2233/C. E Francisco Mendes de Freitas – Índia (1963)
3896/Mar. F João Matildo A. da Costa – Guiné (1966)

saibam todos

Que em 1-1-71 a tonelagem petrolífera mundial era de 164 926 312 t dw, tendo-se registado um aùmento de 11,5 milhões de t (aproximadamente 7,5 %) em seis meses. Na mesma data estavam encomendados 612 petroleiros, de tonelagem superior a 7000 t dw, num total de 96 milhões de t dw e uma tonelagem média de 157 000 t dw. O Japão é de longe o maior construtor de petroleiros, sendo seguido pela Suécia.

(Do «Boletim Analítico da Junta Nacional da Marinha Mercante»)

Que o navio «Golar Nichu», de 215782 t dw, recentemente construído pelo estaleiro Sakaide, da Kawasaki Heavy Industries, para a Ocean Oil Transport GmbH, de Bremen, está equipado com um hélice de 7,8 m de diâmetro dentro de um túnel cilíndrico de 9,4 m de diâmetro que aumenta a eficiência do hélice, dando maior velocidade ao navio.

(Do «Boletim Analítico da Junta Nacional da Marinha Mercante»)

Que a Timon Oil Company, com sede em Sydney, Austrália, descobriu um importante jazigo de petróleo na província portuguesa de Timor.

(Do «Boletim Analítico da Junta Nacional da Marinha Mercante»)

Que o serviço dos correios da Escócia está a experimentar o envio do correio transatlântico por contentor. Segundo a opinião dos peritos, parece que os resultados obtidos estão a ser extremamente úteis.

(Do «Boletim Analítico da Junta Nacional da Marinha Mercante»)

Que com base em considerações de ordem económica, os chamados petroleiros mamutes, de 200 000 e 300 000 t dw, serão substituídos dentro de dois anos por unidades da categoria das 400 000/500 000 t dw, ainda que o número de navios abrangido seja comparativamente pequeno. O maior problema resultante desse aumento consiste nas cotas de fundo, agora limitadas, existentes em algumas das mais importantes zonas de tráfego.

(Do «Boletim Analítico da Junta Nacional da Marinha Mercante»)

Que até Junho de 1967 a média mensal dos petroleiros que passavam o Cabo da Boa Esperança era de 62 e, presentemente, de 450. Cerca de metade destes navios navega em lastro, a outra metade transporta 180 milhões de t de ramas por ano. Durban, que em 1966 recebera 2446 navios, acusou em 1970 um movimento de 4916.

(Do «Boletim Analítico da Junta Nacional da Marinha Mercante»)

Que a Escola de Mestrança e Marinhagem, que funciona em Caxias, na directa dependência da Direcção-Geral dos Serviços de Fomento Marítimo, prepara tripulantes para os navios da Marinha Mercante, nas especialidades de convés, copa, electricistas e fogueiros.
São admitidos à frequência dos cursos rapazes com 17/19 anos e com a 4.ª classe do Ensino Primário. O curso tem a duração de 10 meses, em regime de internato gratuito.

Que quase toda a gente que vai a França vê na ementa dos bons restaurantes um prato designado «huîtres portugaises» – ostras portuguesas.
Lògicamente conclui que são ostras nacionais e criadas em Portugal e exportadas para lá. Na realidade não é assim. Embora nós exportemos ostras para a França o que lá chamam ostras portuguesas é a uma espécie cujo nome científico é «Crassostrea angulata» Lamarck e cuja origem tem a seguinte história:
Há pouco mais de um século, devido a terem empobrecido os seus bancos de ostras, a França resolveu importá-las do Tejo. Sucedeu que o veleiro que as transportava se atrasou na viagem, devido a fortes temporais, e quando chegou ao porto de Bordéus as ostras exalavam um cheiro nauseabundo, partindo-se do princípio que estavam todas mortas e podres. Foram, portanto, lançadas à água, no rio Gironde.
Nos anos seguintes verificou-se grande criação, tendo-se formado um banco natural muito rico, o que quer dizer que das ostras lançadas ao rio muitas estavam ainda vivas.
Explica-se, assim, que a esta espécie de ostras se chame ostras portuguesas.

Que para assinar a nossa Revista, basta escrever para a Redacção, no Ministério da Marinha, Lisboa 2, mandando o seu nome e endereço e efectuando o pagamento por vale do correio, selos do correio da Metrópole ou cheque.

notícias pessoais

CAPELÃO GRADUADO EM CAPITÃO-DE-FRAGATA JOÃO SOARES CABEÇADAS

Por motivo da sua recente nomeação para o desempenho do cargo de Delegado da Capelania-Mór das Forças Armadas junto do Comando-Chefe de Moçambique, embarcou no passado mês de Outubro para aquela Província o nosso camarada de redacção Capelão Cabeçadas.

A «Revista da Armada», embora sentindo com tristeza o afastamento deste membro da Direcção a cujo entusiasmo e dedicação tanto se fica a dever, tem todavia a certeza da continuidade da sua tão excelente quão necessária colaboração que, da distante Província de Moçambique, com todo o agrado receberá, apresentando ao Capelão Cabeçadas, com os seus desejos de uma boa comissão, os votos das maiores felicidades.

CASAMENTOS

1.º ten. EMQ José Manuel Socorro Domingues, casou em 18-9-71, com D. Maria Henriqueta da Silva Lima.

Subten. RN Serafim Manuel Cruz de Bragança Tavares, casou em 28-8-71, com D. Maria Emília de Figueiredo Correia de Barros.

Subten. RN Jośe Alves Ribeiro, casou em 18-9-71, com D. Conceição Maria Rebelo.

2.º sarg. ARE Brito, casou em 26-9-71, com D. Rosalina Maria Gregório dos Santos Brito.

2.º sarg. FZE Simas, casou em 26-9-71, com D. Maria da Purificação Cunha Crisóstomo Simas

404/65/C. H Antunes, casou em 5-9-71, com D. Maria Carvalho Salvado Antunes.

3782/C. T Silva, casou em 6-9-71, com D. Dulce Graça Valeiras Pereira da Silva.

263/68/Mar. FZE Grilo, casou em 5-9-71, com D. Antónia Angelina Elias Cristiano Grilo.

255/68/1.º grt. L Mimoso, casou em 4-9-71, com D. Maria Antónia Trindade Bicho Mimoso.

PASSAGENS À RESERVA

Cap. m. g. Rui Adélio Neto Valente, passou à Reserva Aa em 5-9-71.

Cap. ten. SG José Elias Gonçalves, passou à Reserva Aa em 13-8-71, continuando na efectividade do serviço.

1.º ten. SG Mário Gomes Severo, passou à Reserva Aa em 19-8-71, continuando na efectividade do serviço.

1.º sarg. M Silva, passou à Reserva Aa em 18-8-71.

1.º sarg. ACM Vieira, passou à Reserva Aa em 2-9-71.

847/C. C António Luís, passou à Reserva Aa em 2-8-71.

3724/M. T Manuel Ramalho, passou à Reserva Aa em 23-8-71.

APOSENTAÇÕES

César Augusto Pinto Saraiva, cabo de mar de 1.ª classe do quadro do pessoal civil.

Leonel Marques Rosa, serventuário de 1.ª classe do quadro do pessoal civil.

Nuno Tavares de Almeida Ferreira de Freitas, chefe de secção do quadro do pessoal civil.

Américo Salvador, contínuo de 1.ª classe do quadro do pessoal civil.

Alfredo Nogueira de Sousa Freire, marinheiro do troço do mar do quadro do pessoal civil.

Deolinda Lima de Almeida, servente do quadro do pessoal civil.

Artur dos Anjos, serventuário de 2.ª classe do quadro do pessoal civil.

FALECIMENTOS

Comodoro AN Ref. Francisco Freire Falcão Ribeiro de Campos, faleceu em 9-9-71.

Comodoro AN Ref. António Alves dos Santos Júnior, faleceu em 3-8-71.

1.º ten. SG Ref. José Madeira da Conceição, faleceu em 25-8-71.

Sarg. aj. FZM Jobert Gil Caetano, faleceu em 14-9-71.

1.º sarg. C Manuel Joaquim Mendes Loureiro, faleceu em 10-9-71.

1.º sarg. C Álvaro José de Sintra, faleceu em 5-8-71.

443/66/Mar. FZE Fernando da Silva Carvalho, faleceu em 23-8-71.

2515/69/1.º grt. F António Joaquim Marques, faleceu em 19-9-71.

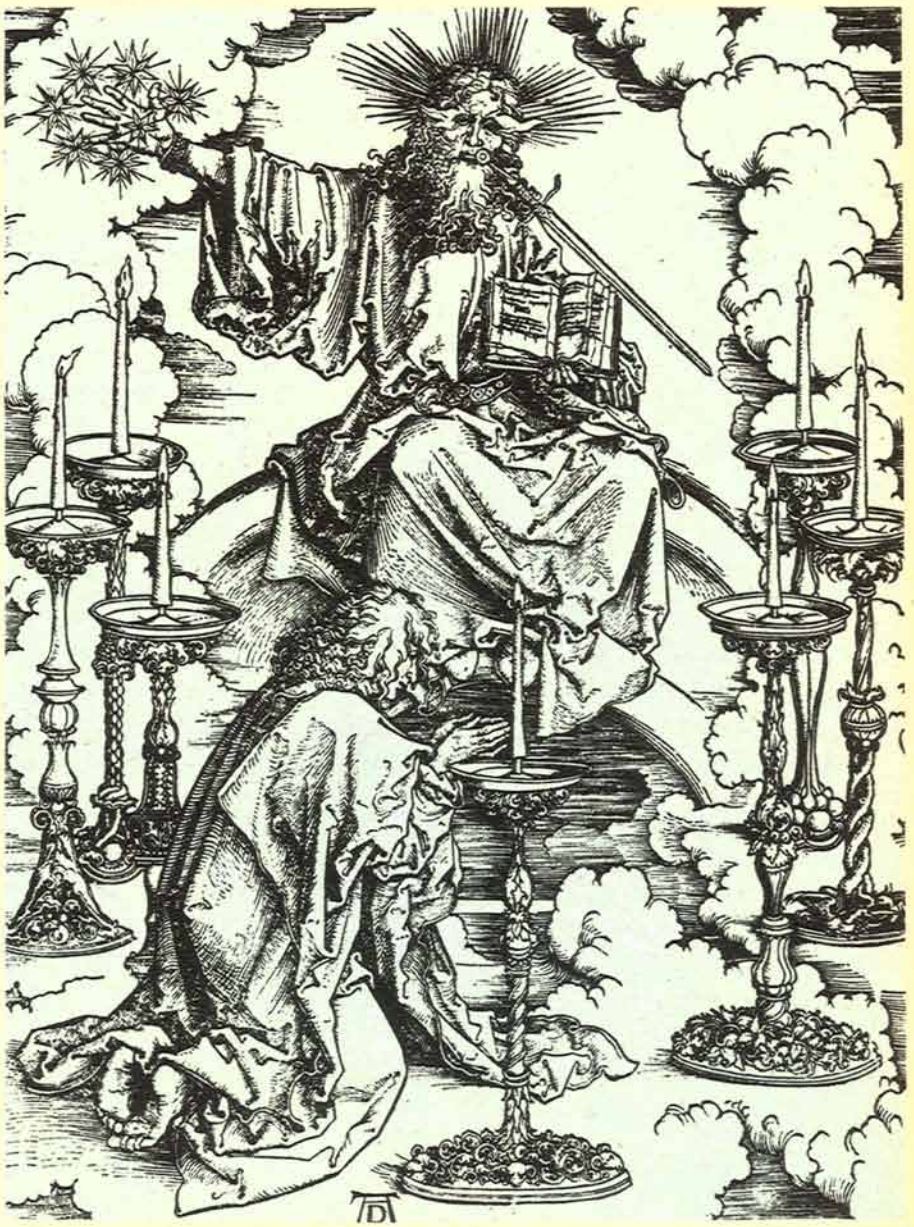
Manuel Acácio Pereira Lourenço, auxiliar técnico de construção civil do quadro do pessoal civil, faleceu em 22-8-71.

José Pedro Alves de Carvalho, marinheiro do troço do mar do quadro do pessoal civil, faleceu em 27-8-71.

Alexandre Coelho de Vasconcelos, marinheiro do troço do mar do quadro do pessoal civil, faleceu em 31-8-71.

ALBRECHT DÜRER

comemorando um centenário



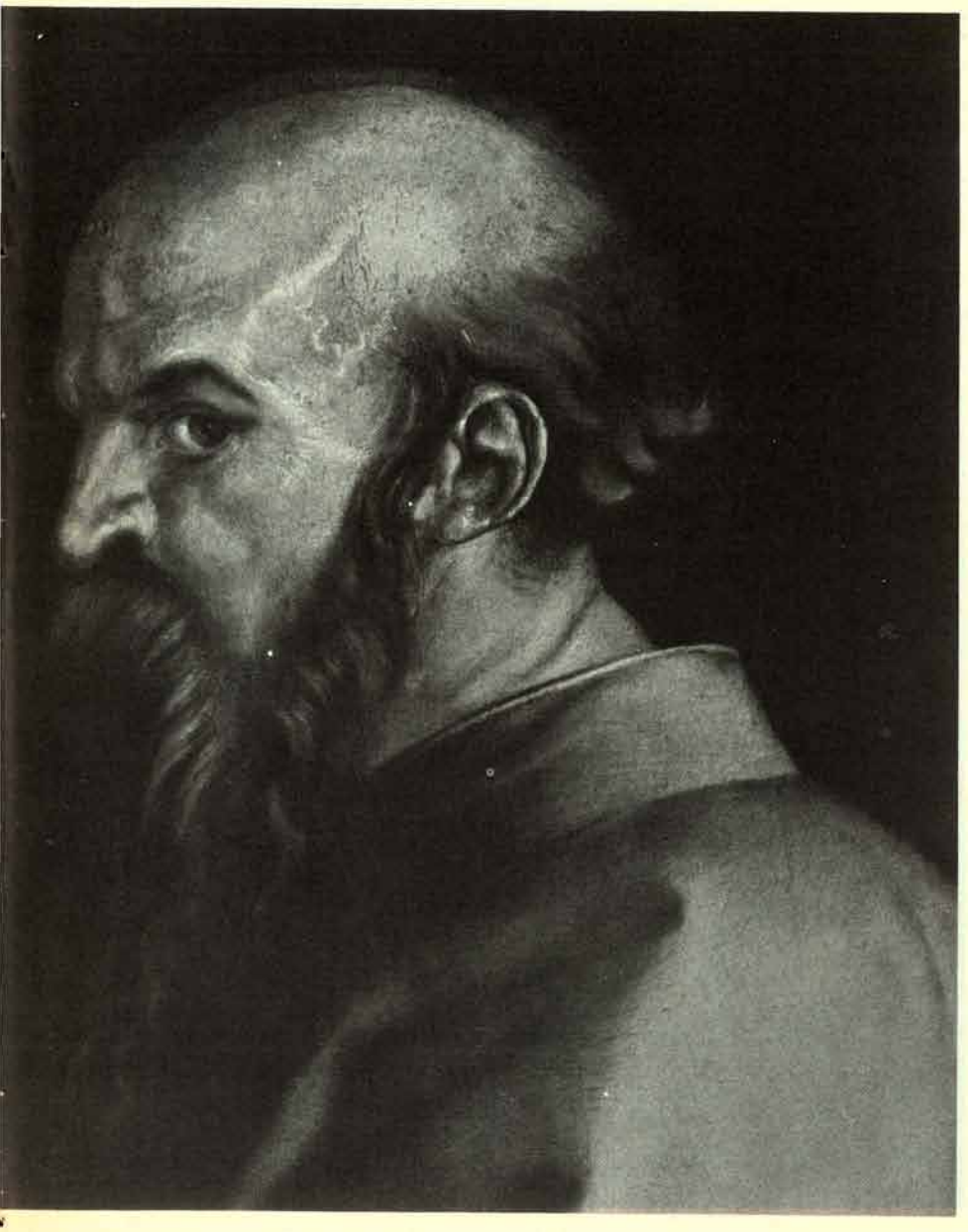
«A visão dos Sete Candelabros», da série de gravuras «Apocalipse» — 1498

Ocorre este ano o 5.º centenário do nascimento do grande pintor e artista alemão ALBRECHT DÜRER.

Comemorar um centenário de alguém, implica, naturalmente, que esse alguém tenha jus a isso pelo seu valor e universalidade. Quem foi, pois, DÜRER? Foi o artista que melhor concretizou, na Alemanha, no âmbito das artes plásticas, o movimento universalista que se designou por Renascença. A Renascença foi, no século XV, o despertar do espírito humano para novos horizontes culturais. Antes que ela se evidenciasse em todos os domínios da arte (evidência que constitui hoje um dos seus legados mais palpáveis), começou por ser uma transformação do espírito — uma nova maneira de encarar o homem e o mundo, um novo tipo de cultura, em suma, um humanismo de feição universal. As Universidades, raras no século XIV, multiplicaram-se no século XV, abrindo-se aos novos conceitos humanistas. O saber e a cultura deixavam de se desenvolver exclusivamente à sombra do mosteiro e do palácio para, livremente, se darem aos homens que passavam a constituir, nessa época, uma terceira força — a burguesia dos comerciantes e dos artesãos. Não contribuíram pouco para esse espírito inquieto de sabedoria as novas conquistas, que, para o conhecimento humano, representavam os descobrimentos marítimos, a compreensão da mecânica celeste e as suas leis, a imprensa e a maior facilidade de intercâmbio entre os povos. As artes deixaram de se pautar por um espírito religioso normativo para desabrocharem a outra luz, onde o profano tinha também o seu lugar. A Renascença, como época artística, teve a sua origem na Itália — uma Itália quinhentista que não era como a de hoje, onde havia uma pluralidade de estados, governados por príncipes e reis que vieram a ficar célebres mais pelo impulso que imprimiram às artes do que pelo poder temporal que exerceram. Foi o caso das cidades de Florença, Pisa, Génova, Veneza, Roma e outras. Não vamos agora enumerar a plêiade de artistas que representaram a Renascença italiana, mas dizer apenas que o homem dessa Renascença — o homem de cultura e ciência, artista e humanista — encontrou a sua expressão

mais acabada em Leonardo da Vinci. Pois bem, DÜRER está para a Renascença alemã como Leonardo da Vinci está para a italiana. Creio que isto diz tudo! Daí, que DÜRER seja um nome universal. Não fica mal sabê-lo...

Nasceu em Nuremberga em 1471.



«S. Paulo» (pormenor de «Os Quatro Apóstolos») — *1526*

A sua mestria no desenho raramente terá sido ultrapassada. Viajou muito — verdadeiro homem do seu tempo — e conheceu o que se fazia nos Países Baixos e na Itália. Aqui, especialmente em Veneza, privou com os melhores mestres da pintura italiana. O seu gosto pelo colorido forte e alegre é filho da escola veneziana. Foi alvo das homenagens e protecções de príncipes, reis e imperadores que lhe disputavam os dotes de artista e que por ele desejavam ser retratados. Conheceu a efervescência religiosa desencadeada por Lutero, de quem era admirador, e a sua benéfica influência na arte, pelo espírito de crítica e análise que fomentou. Estimava e admirava Erasmo, paladino da cultura humanística.

Percorrida a Europa e decantada nele toda a cultura e humanismo europeus, regressa à Alemanha para se entregar a um trabalho sem quartel. DÜRER reunia, como artista, estes quatro dons: suprema habilidade manual, domínio pleno da ciência técnica, imaginação fecundíssima e culto verdadeiramente exemplar da natureza e da verdade. O seu desenho era seguríssimo e podemos considerar DÜRER como um dos mais notáveis artistas gravadores de todos os tempos. Ficaram célebres as suas séries «Grande Paixão» (12 estampas), «Pequena Paixão» (37 estampas), «Apocalipse» (15 estampas) e muitas outras gravuras soltas.

A propósito da sua ciência técnica, convém referir que é autor de alguns tratados como sejam a «Instrução para Medir a Compasso e a Régua», onde expõe os princípios básicos dessa nova ciência do desenho, que estudara em Itália — a perspectiva —, ferramenta introduzida nas artes plásticas pela Renascença. Os pintores medievais não a conheciam e procuravam dar a profundidade dos espaços mediante a sobreposição sucessiva dos planos, colocando uns por detrás dos outros, sem a modificação aparente de tamanhos introduzida pela distância.

Outra publicação sua — «Quatro Livros das Proporções do Corpo Humano» — teve larguíssima divulgação e influência, sendo até traduzida para português em 1599 com o título «Tratado sobre as Proporções Humanas».

O seu amor ao colorido, o seu poder de observação e a preocupação da verdade conferem aos retratos que fez um vigor extraordinário. Pintou-se a si próprio com frequência e alguns dos auto-retratos são de rara beleza. Nos motivos religiosos atingiu por vezes, como na «Adoração da Santíssima Trindade», uma grandiosidade, uma pompa de colorido e um equilíbrio global raramente igualados. Noutros casos, a expressão de recolhimento e santidade (como no «S. Jerónimo»), de dor e tristeza (como no «Pietà») é tão viva que a sua contemplação nos deixa perturbados.

Dois anos antes da sua morte pintou «Os Quatro Apóstolos», que ofereceu à cidade de Nuremberga. Foi a sua última obra importante. «S. João» e «S. Paulo» revelam-nos a enorme energia criadora de DÜRER e a sua ciência da forma. Estas grandes figuras são, por assim dizer, a última mensagem do pintor — são bem a síntese da sua arte.

O. Lemos

voz da abita

Continuamos a receber cartas dos nossos leitores, das quais se transcrevem extractos de algumas delas.

De 2202/69/1.º Gr. A – H. M. Dinis: «Bissau, 11-8-71. Estando eu disposto a colaborar na «nossa» Revista e tendo em meu poder uns versos, sendo eu próprio o autor, é com todo o gosto que os envio.»

DESPEDIDA DUM MARUJO

I

«Eu vou defender a Pátria,
Nada há a temer;
Pois ela sabe louvar,
Quem por ela se bater.

II

«Sabedor só Deus o é:
Do que eu hei-de passar
Mas levo bastante fé,
De à minha aldeia voltar.

III

«Não pensem que vou só,
Pois levo Deus comigo;
Ele para mim é muito!
É mais que um Amigo.»

De 1978/70/2.º Gr. FZ – J. C. O. Espinheira:
«Vale de Zebro, 15-9-71.
«Com grande satisfação e alegria, soube hoje mesmo da criação e publicação do primeiro número da «Revista da Armada».
«Antes de mais, os parabéns sinceros a todos quantos trabalham directa ou indirectamente na Revista.
«Dado que a colaboração do conteúdo da Revista é extensiva a todos quantos trabalham na Armada, peço licença a V. para aceitarem brevemente o meu contributo.»

De 8041/71/2.º Grt. E-RM – F. F. Bastos:
«Lisboa, 27 de Setembro de 1971.
«Venho por este meio agradecer a V. todas as regalias que me foram concedidas pela minha humilde colaboração em prol da «Revista da Armada», fazendo votos para que a mesma tenha longos anos de publicação acompanhados dum nível sempre crescente de artigos.
«O n.º 2 da «nossa» Revista será por mim guardado religiosamente, devido à minha modesta colaboração ter obtido um espaço na Revista, o que, sinceramente, me deixou primeiro surpreendido e depois orgulhoso.
«Além do mais, farei votos ainda para que o meu pioneirismo desperte em todos os meus colegas de corporação um desejo de colaboração com que só a «nossa» Revista lucrará.»

De 418/65/Mar. FZE – F. G. Graça:
«Bissau, sem data.
«PELA PÁTRIA LUTA-SE EM ÁFRICA.
«Noite chuvosa, rostos causticados pelo clima... água em tumulto fazendo baloiçar perigosamente as pequenas embarcações que levavam homens e armas prontos para acção.
«Ouvia-se só o barulho dos motores e da água batendo nos botes. Começava a alvorecer. Mal se distinguiam as margens daquele rio barrento e quase vazio.
«Lodo pelo joelho, homem a homem saltando em terra, olhos perscrutadores, ouvidos à escuta... A progressão começa com a habitual destreza das Forças Especiais.
«Era um dia qualquer, domingo, ou sexta-feira, tanto faz.
«Lianas cortadas, suor escorrendo pelo corpo, cansaço e tenacidade, num misto de ansiedade e silêncio.
«Um cigarro, um sorriso, dão confiança ao prisioneiro.
«Todos o perceberam no seu dialecto crioulo.
«Vamos tentar recuperá-lo, fazendo dele um amigo.»

De 1750/69/1.º Grt. FZ – A. M. Martins: «Sazaire (Angola), 3-9-71.
«Tendo por casualidade chegado até mim o 1.º número da «nossa» Revista, li com toda a atenção todas as secções de que esta é composta e (devo confessar) fiquei verdadeiramente emocionado com todos os seus detalhes, os quais encontrei recheados de boa vontade e espírito de colaboração, não só de camaradas como de superiores, para com todos os elementos da Armada, especialmente os que (como eu) se encontram longe de familiares e do cantinho que nos viu nascer e lutam pela integridade da Nossa Pátria.»

De 1502/69/1.º Grt. L – António Varela:
«Grupo n.º 1 de Escolas da Armada, 30 de Setembro de 1971.
«Foi com grande entusiasmo que li o vosso primeiro e segundo números, os quais me mostraram muitas coisas de relevo acerca da Armada.
«Acho que esta ideia de criarem a «Revista da Armada» foi magnífica, não só por recordar tempos antigos, como também servir de distracção.
«Eu nunca me canso de ler e reler a «nossa» Revista. Aguardo com grande ansiedade a publicação do próximo número. Todos nós devemos contribuir com o fim de a fazer maior.
«Junto envio um pequeno passatempo, que espero ver publicado no próximo número.
«Antes de terminar, saúdo todos quantos trabalham para a «nossa» Revista.»

Da colaboração enviada, publica-se:
«Há dias, segundo nos contaram, travou-se entre duas senhoras que esperavam a sua vez na sala de um dentista o seguinte diálogo:
« – Então o que faz agora o seu esposo, minha amiga?
«E a outra, com ar importante:
« – Ah! É artista de rádio!
« – Sim? E em que estação canta ele?
« – Ele não canta! Ele tosse naquele anúncio do xarope!...»

A MULHER MACUA BELEZA MOÇAMBICANA

A oportunidade que nos foi proporcionada de escalar alguns portos moçambicanos resultou num maior conhecimento dos costumes e das gentes desta Província.

Um caso que nos saltou à vista pela flagrância das suas características foi a mulher nativa da Ilha de Moçambique.

Se bem que já a conhecessemos através das colónias macuas radicadas em Lourenço Marques, principalmente na povoação de Majalala, contactar com ela, «in loco», no seu próprio meio ambiente, veio enriquecer o nosso conhecimento na medida em que nos revelou toda a potencialidade da sua beleza.

Efectivamente, a mulher macua difere em muito das outras mulheres de Lourenço Marques, Inhambane e Beira. Assim como as suecas são anatòmicamente mais explosivas, mais «sexies», assim também as macuas têm algo que define a sua feminilidade, tornando-as mais atraentes.

O seu modo folclórico de trajar, em que predominam as cores violentas, num atropelo aos conceitos da moda europeia, contribui para a sua especificidade, pois àquilo que se chama de gritante mau gosto elas conseguem formar uma simbiose agradável, dando uma nota de harmonia.

Não haja dúvida que na escala hierárquica da beleza Moçambicana, a mulher macua ocupa um dos lugares de primazia.

Conde do Vale de Âncora

N. R.: *O apontamento acima é da autoria do Mar. FZE Carlos Guerreiro, de há muito colaborador e impulsionador de grande parte das iniciativas de carácter jornalístico que, aqui e além, têm surgido na Armada.*
Natural de Vila Praia de Âncora, com o pseudónimo que adoptou, resultante da conjugação do epíteto com que desde o início da sua carreira militar é conhecido, com o nome daquela vila minhota, presta bairrista homenagem à ridente praia do Alto Minho.

CARTAS PERDIDAS

«Querida Maria: Cedo
estarei perto de ti...
Esta farda já me pesa.
A comissão está no fim.

«Dessa tua janelita
perto daquele mirador
hás-de ver entar o barco
que te traz o teu amor.

«Quando enxergar o Castelo
e as velhas torres da Sé
faltarão poucos instantes
para te sentir ao pé.»

Cartas singelas, saudades grandes
dum fuzileiro que anda a lutar.
Alto e moreno, peito arrogante,
Muda tristeza no seu olhar.

Esta noite irá prò mato
— é a última missão —,
guarda o papel rabiscado,
sai para uma operação.

O mato — treva traiçoeira —,
centos de vezes já o atravessou...
Mas naquele instante sente-se inseguro,
um mau pressentimento o alertou.

Era certo o agoiro: caiu na armadilha
que o inimigo fantasma lhe teceu.
Lá está esvaído em sangue
naquela noite escura como breu.

Na mão aperta a carta
que nunca ao seu destino chegaria.
No seu pensamento delirante
escreve outra: «Querida Maria:

«Não me esperes à janela,
já nunca posso chegar...
É preciso que me esqueças
e escolhas um novo par.

«Esquece meu pobre corpo
pastoso de sangue e lama.
Este corpo que era teu
que se acaba... e que te ama!

«Ri, passeia pelas ruas
e vive com força... Adeus!
Que os teus belos vinte anos
não se murchem como os meus.»

Rosa

NOTA DA REDACÇÃO: *Estes versos, que a Revista publica com muito gosto, foram-nos enviados pela esposa dum Marinheiro.*

O Último Herói de Diu

TEXTO EXTRAÍDO E ADAPTADO DOS ANAIS DO CLUBE MILITAR NAVAL
ADAPTAÇÃO E TEXTO DE BAPTISTA MENDES

Jorge Manuel Catalão de Oliveira e Carmo nasceu em Alenquer, a 25 de Setembro de 1936, e entrou para a Marinha em 1 de Outubro de 1955, vindo da Academia Militar, onde frequentara os estudos preparatórios.
Fez as suas viagens de instrução como cadete e guarda-marinha na SAGRES, no GONÇALO VELHO, na NUNO TRISTÃO e, já como 2.º tenente, embarcou por largos períodos nos patrulhas BOAVISTA, PORTO SANTO e fragata PERO ESCOBAR.
No Verão de 1961 parte para a Índia, convidado a comandar a lancha VEGA.
Era o seu primeiro comando!

As notícias davam como certo que a União Indiana se preparava para invadir e ocupar os territórios de GOA, DAMÃO e DIU.

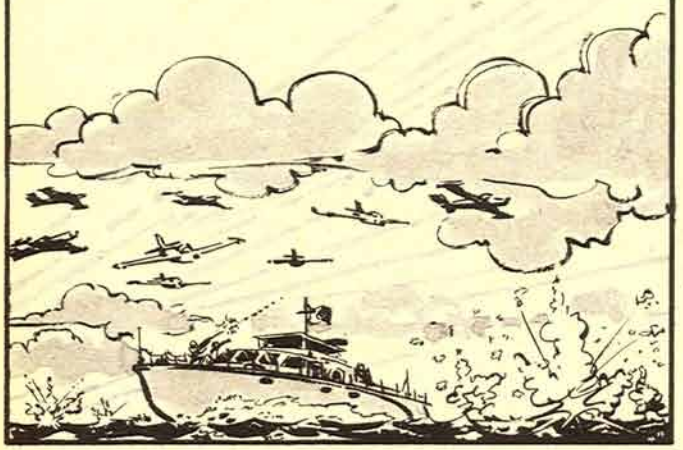
Como defesa, DIU, território de pequena área e deficientemente fortificado, contava apenas com a coragem moral dos defensores. Só esta poderia suprir a fraqueza material da praça. No mar, a defesa estava confiada á pequena lancha VEGA, de 20 toneladas, armada com uma peça de 20 mm e guarnecida com oito homens. 18 de Dezembro de 1961. A lancha VEGA cruza a exemplo dos dias e noites anteriores, as águas territoriais diante de DIU. As últimas notícias apresentam a situação como grave.

Eram 01.40 da madrugada quando se ouviram os primeiros sinais de combate em terra, NAGOÁ, onde a VEGA se encontrava fundeada.
Logo levantou ferro e rumou para DIU.

Cerca das 03.00 encontrou a pequena lancha não armada FOLQUE, e ao mesmo tempo...

Às 03.50, a VEGA aproou ao navio. Depois de verificar que se tratava de um cruzador — o NOVA DELI — e de ter visto alguns sinais de morse luminoso, a que não respondeu, voltou ao encontro da lancha FOLQUE, recolheu todo o seu pessoal, desembarcando algum, às 05.30, em DIU, bem como o mestre da VEGA, com uma mensagem verbal das ocorrências anteriores, dirigidas ao Comando Superior.

A VEGA sai então para o mar. Os jactos indianos alvejam-na de proa à popa. A pequena lancha vai-se defendendo com guinadas súbitas e contra-ataca com a sua única peça.



O marinheiro artilheiro apontador 10 030 é ferido mortalmente e Oliveira e Carmo é também atingido pela rajada que quase lhe secciona as pernas.

Apesar de gravemente ferido ainda ordena e dirige corajosamente o combate. Três aviões são atingidos, antes de a VEGA se calar e imobilizar.

Entretanto, mais dois marinheiros tinham sido atingidos: o mar. rad. telg. 11 037 e o gr. art. 13 032.

O mar. elect. 5353, Francisco Mendes de Freitas, antes de cumprir a ordem toma o seu comandante pelos braços e arrasta-o para a popa, de onde seria mais fácil baldear o seu corpo para o bote...

Oliveira e Carmo quis ainda agarrar-se a uns cabos, mas, já sem forças, cai para dentro da pequena embarcação, enquanto os aviões inimigos passam de novo, metralhando sempre. Os bravos, já náufragos, teriam de morrer!

Algumas balas furam o bote e Oliveira e Carmo é de novo atingido, agora mortalmente. O pequeno barco, que ainda poderia ter sido uma tábua de salvação, afunda-se, servindo de túmulo ao valoroso oficial. Apenas a baleia, com quatro homens, resiste e chega a Diu, enquanto os outros marinheiros se salvam a nado.

GUARNIÇÃO DA LANCHA VEGA
em 18 de Dezembro de 1961

2.º ten. Manuel Catalão de Oliveira e Carmo (morto em combate)
2195 cabo art. António Fernandes da S. Gonçalves
5645 mar. fog. mot. Armando Cardoso Silva
6788 mar. fog. mot. António da Silva Nobre
5353 mar. elect. Francisco Mendes de Freitas
10 030 mar. art. António Ferreira (morto em combate)
11 037 mar. r. telg. João Lopes da Costa Baguim (ferido em combate)
13 032 gr. art. Venâncio dos Ramos (ferido em combate)

GUARNIÇÃO DA LANCHA FOLQUE
em 18 de Dezembro de 1961

2590 cabo art. José de Azevedo
10 519 (R) mar. art. Aníbal dos Santos Fernandes Jardino (morto em combate a bordo da VEGA)
6216 mar. art. António José Botinas

PÁRA-QUEDISMO

Realizou-se na Base Aérea de Sintra durante a primeira quinzena de Setembro deste ano o V Campeonato Internacional de Pára-Quedismo do C.I.S.M. (Conselho Internacional do Desporto Militar), com a participação dos seguintes países:
Alemanha Ocidental, Argentina, Áustria, Bélgica, Brasil, Costa do Marfim, Espanha, Estados Unidos da América, França, Grécia, Irão, Iraque, Itália, Portugal, Suécia, Suíça, Tailândia e Turquia.
A organização impecável deste torneio que mereceu as melhores referências de todas as comitivas estrangeiras, foi prejudicada pelas condições meteorológicas que perturbaram a sequência da competição. Apesar disso, o número de saltos dos concorrentes excedeu o mínimo exigido pelo regulamento do C.I.S.M.
O campeonato é, bàsicamente, constituído por 3 tipos de provas — precisão individual, precisão em grupo e estilo.
A prova mais espectacular, precisão em grupo, foi ganha pelos E. U. A., embora o favoritismo pendesse para a França. Na classificação absoluta por equipas triunfou a França como se esperava. A equipa portuguesa dentro das limitações já conhecidas, quer em pessoal quer em meios áereos disponíveis, classificou-se em 10.º lugar, que não deslustra se nos capacitarmos de que o treino para esta competição não foi intensivo.
No plano individual a vitória absoluta coube um pouco surpreendentemente ao suíço PIERRE NEUHAUS, que ganhou, assim, jus ao «título» do mais regular pára-quedista do campeonato. O português melhor classificado foi o MAJOR MANSILHA, que alcançou a 18.ª posição entre 73 concorrentes. Se atendermos ao facto de que os nossos pára-quedistas eram dos menos «saltados» (com menor número de saltos efectuados), as suas classificações podem considerar-se satisfatórias. Como nota triste a assinalar este estupendo campeonato registe-se a infelicidade do único concorrente sueco, tenente THORKEL SETH, que ao efectuar um dos saltos de precisão se estatelou no chão por não se ter aberto o seu pára-quedas em devido tempo, tendo tido morte imediata.

Como notas finais registe-se o favor do público que acorreu em grande número aos vários dias das competições, sugerindo que esta salutar modalidade está a ganhar cada vez mais adeptos na Metrópole, já que o exemplo frutificou no Ultramar...

Para terminar esta pequena crónica, saliente-se o brilho obtido na cerimónia de encerramento do V Campeonato Internacional de Pára-Quedismo que teve a presidi-la Sua Excelência o Chefe do Estado.

Damos a seguir as classificações finais absolutas

CLASSIFICAÇÃO INDIVIDUAL

Classificação	Nome	Nacionalidade	Pontos-Total
1.º	*Neuhaus*	*Suíça*	*1287.0*
2.º	*Eschenlohr*	*Alemanha*	*1283.6*
3.º	*Blondel*	*França*	*1272.1*
18.º	*MANSILHA*	*PORTUGAL*	*1214.7*
73.º	*Maret*	*Bélgica*	*509.0*

CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS

Classificação	Nação	Pontos
1.º	*França*	*7939.2*
2.º	*Estados Unidos*	*7838.6*
3.º	*Áustria*	*7725.1*
10.º	*PORTUGAL*	*7162.0*
15.º	*Argentina*	*5161.9*

A Tailândia e a Costa do Marfim não se classificaram, por terem desistido da prova de estilo.

A TEMPO E HORAS

Com a devida antecedência, estão desde já marcados os meses nos quais, provàvelmente, se iniciarão os torneios desportivos da Armada para a época de 1971/72.

Assim, e por modalidades, teremos ainda este ano:

Corta-Mato em Novembro e Futebol em Dezembro, prolongando-se por Janeiro e Fevereiro do próximo ano.

Para 1972, Tiro (pistola) em Março, Andebol em Março/Abril, Basquetebol em Abril/Maio, Voleibol em Maio/Junho, Boxe em Junho, Atletismo em Julho e, finalmente, Natação em Setembro.

Seria desejável que todos os Comandos e Unidades da Armada com possibilidades de o fazer entrassem nestas competições e que os treinos indispensáveis para as respectivas modalidades se efectuassem com a antecedência necessária com o objectivo de melhorar o nível dos torneios desportivos da época que agora se inicia.

---

espectáculo

A PROPÓSITO DE UMA NOTÍCIA

O famoso «Living Theatre»

Um diário lisboeta noticiou nos últimos dias de Agosto que a Companhia de Teatro Vivo tinha sido expulsa do Brasil, acusada de actividades onde ocupavam lugar destacado os estupeficientes.
Living Theatre é uma aventura...
Em 1943, surge em Nova Iorque com tendências anarquistas pelo impulso de Julian Beck, de 18 anos, e de Judith Malina, de 17 anos.
O Living Theatre tem como um dos principais objectivos romper as barreiras entre o actor e o espectador, representando essencialmente peças contemporâneas montadas de forma a fazer meditar o homem actual.
Os meios essenciais utilizados pelos actores desta companhia são o corpo e o espírito.
Inicialmente, Judith e Julian, sem dinheiro, sem sala e sem apoio, resolveram utilizar o próprio apartamento como sala de espectáculos. Aí, o Living funcionou de 1951 a 1954, tendo sido inaugurada esta *sala* em 15 de Agosto de 1951 com a peça «Ghildish Jokes», do anarquista Paul Goodman.
De 1954 a 1955, trabalhando num celeiro, lançaram-se em encenações colectivas, até que em Novembro de 1955 celeiro foi fechado pelos condicionamentos do Departamento de Construções.
Em 1957, a Companhia encontra novas instalações.
O período de 1959 a 1963 é de grande actividade. Nesse período Julian e Judith são detidos por organizarem diversas manifestações. Duas peças sobressaem neste período: «The Brig» e «The Connection». Esta última, abordando os temas droga e jazz, intensifica a participação actores-músicos e actores-público. As suas dificuldades financeiras aumentam. Algumas irregularidades lançam novamente Julian e Judith na prisão, até que no Verão de 1964 a Companhia parte para Londres.
Depois de Londres segue-se Paris e quase toda a Europa, até que a Companhia se instala no Brasil onde actualmente se encontrava.
O método de trabalho no Living Theatre é revolucionário comparado com os métodos de trabalho tradicional; os textos quase não existem e a preocupação é toda depositada na interpretação corporal através da sua expressão.

M. Almeida

CAPELA DE
do Ministério

Toda a corporação da Armada conhece, pelo menos de nome, a Capela de S. Roque, também conhecida pela Capela do Antigo Arsenal de Marinha. Nela costumam ser depositados muitos elementos da Armada que morrem em Lisboa e todos os que vêm do Ultramar.

Ali estiveram os corpos do Infante D. Afonso, do Soldado Desconhecido, do Patrão Joaquim Lopes, do Comandante João Belo, de António Feijó e de muitas outras personalidades militares e civis.

Vamos dar a conhecer um pouco da sua história. Foi mandada construir pelo Marquês de Pombal para o culto de S. Roque, Santo que foi da devoção dos carpinteiros navais, e é considerada pelos entendidos como sendo um exemplar arquitectónico de muito valor. Deveria mesmo ser classificada, pelo menos, como «monumento de interesse público».

A nossa epopeia naval tem como colaboradores mais entusiastas, embora esquecidos, os artífices da construção dos navios — os carpinteiros navais.

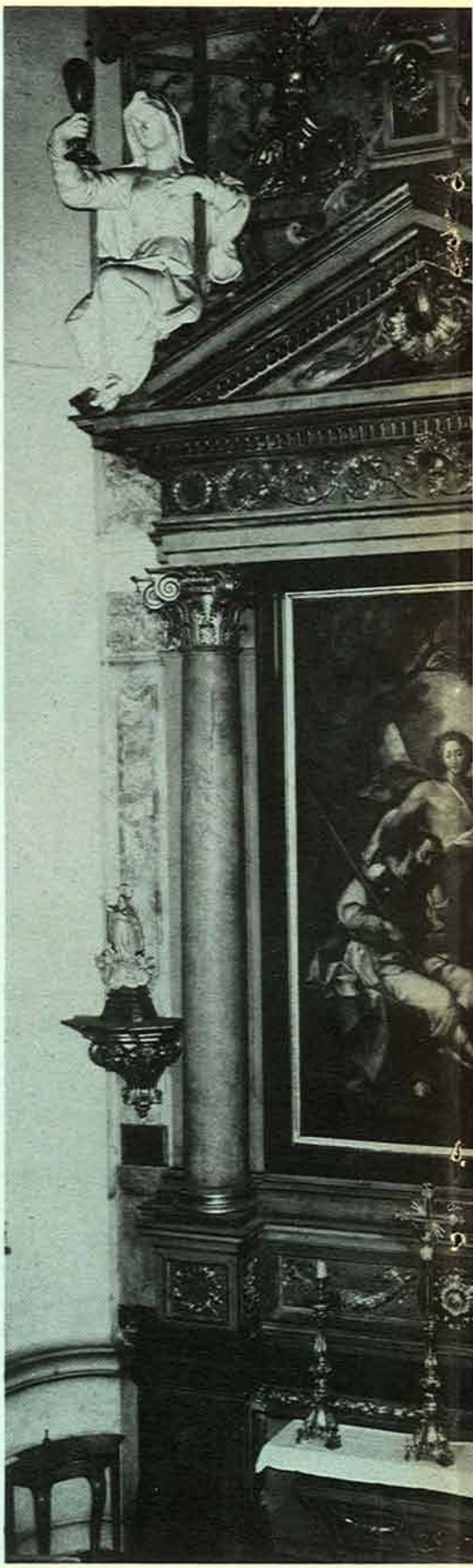
Há dois documentos que muito nos dizem da vida dos artistas que construíram as caravelas e as naus que percorreram todos os oceanos na faina da «dilatação da Fé e do Império». São eles: o «Livro das Memórias Históricas da Real Irmandade do Glorioso S. Roque dos Carpinteiros de Machado» e uma «Carta de Confirmação de Privilégios» passada pela Rainha D. Maria aos carpinteiros e calafates do Reino.

Esta «Carta» confirmou os privilégios concedidos pelos reis D. Fernando, D. João I, D. Duarte, D. Pedro (Regente), D. Afonso V, D. João II, D. Manuel I, D. João III, D. Sebastião e D. José, que beneficiavam os carpinteiros, calafates, arrais, mareantes e pilotos das naus de guerra da carreira da Índia de todo o país.

Pode dizer-se que essas classes, pela isenção de impostos e liberdades que gozavam, estando dispensadas de vários serviços que competiam à maioria dos cidadãos, eram tratadas quase como nobres. E porque se procedia assim para com essas humildes profissões? Naturalmente porque havia a compreensão de que o destino da Pátria muito viria a depender delas.

Eram ciosas dos seus direitos, não permitindo que lhes superintendessem nem o Almirante do Reino, nem os Vedores da Fazenda, nem o Almoxarife da Cidade, recebendo sòmente ordens dos seus legítimos mestres.

Sousa Viterbo, grande investigador da História Nacional, na sua obra «Artes e Artistas em Portugal»,



E S. ROQUE
o da Marinha

Altar-mor

tem um capítulo especialmente dedicado aos carpinteiros e calafates navais referindo que eram tão afamados que de 1430 a 1441 foram aos Estados de Borgonha construir naus.

O Padre Fernando de Oliveira, que viveu no princípio do Século XVI, do qual, recentemente, o Ministério da Marinha editou a sua obra «A Arte da Guerra do Mar», escreveu um livro intitulado «Fábrica das Naus», em que nos fala em termos do maior elogio, da competência que era exigida aos carpinteiros navais.

Todos conhecemos a Avenida da Ribeira das Naus, que passa junto ao Ministério da Marinha e atravessa a zona do antigo Arsenal. Era este o local onde nos séculos passados os petintais, carpinteiros, calafates, cordoeiros, ferreiros e remolares construiam e aparelhavam as nossas caravelas e naus.

Na Idade Média, especialmente nos Séculos XIV, XV e XVI, as Irmandades ou Confrarias desempenhavam um papel muito importante na vida portuguesa. Os artífices de então, operários de hoje, organizavam-se em instituições com aqueles nomes, de carácter fundamentalmente religioso mas visando também a defesa dos seus interesses profissionais e bem-estar dos familiares.

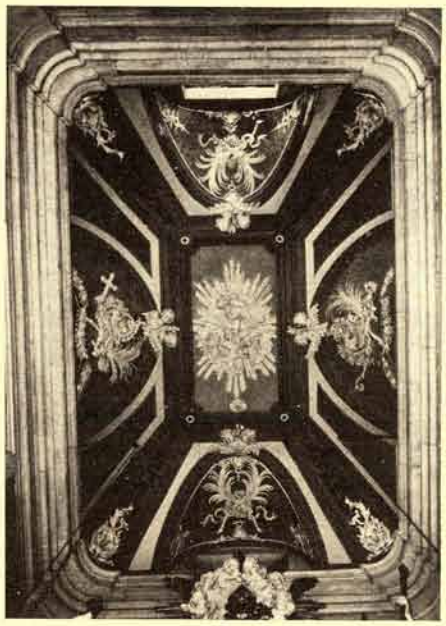
O «Livro das Memórias Históricas da Real Irmandade do Glorioso S. Roque dos Carpinteiros de Machado», descreve-nos a história da referida Irmandade até ao ano de 1781. Segundo esse documento, não foi um motivo pròpriamente de natureza marítima que presidiu à fundação da Irmandade, mas sim, como acima se diz, razões religiosas e de entreajuda.

O culto a S. Roque, que nasceu em 1290 na Gália, ràpidamente se generalizou, levantando-se em sua honra igrejas, capelas e altares, invocando-o o povo cristão como advogado contra a peste ou qualquer outro mal contagioso.

A cidade de Lisboa, no tempo do Rei D. Manuel I, foi atacada pela peste trazida por uma nau que veio de Veneza.

O Rei pediu para ali uma relíquia do Santo, e logo que esta chegou a Lisboa, foi recebida pela Corte e pelo Povo com grande fé e devoção e colocada numa ermida edificada em 1506, à custa dos devotos de S. Roque, entre os quais se sobressaíram com grande generosidade os carpinteiros da Ribeira das Naus. Em 1553 os Jesuítas tomaram a seu cuidado a ermida.

A Igreja de S. Roque, junto à Misericórdia de Lisboa, é a grande Igreja que Lisboa construiu em honra do Santo.



Tecto da Capela

No próprio Convento do Carmo, foi construída uma capela em honra de S. Roque. A Irmandade dos Carpinteiros Navais estabeleceu então a sua sede naquele Convento.

Após o terramoto de 1755, que destruiu o Convento, passaram para a Ribeira das Naus, onde primeiro construíram uma capela de madeira e posteriormente a que hoje existe.

O regulamento impresso mais antigo da Irmandade é o «Compromisso da Irmandade de S. Roque erecta na sua ermida no Arsenal da Marinha de Lisboa», de aprovação régia, sendo a respectiva Carta assinada no Paço da Ajuda em 15 de Março de 1865, pelo Marquês de Sabugosa. Neste compromisso estão expressos os fins da Irmandade, que visam ao culto de S. Roque e a socorrer os Irmãos.

Em 3 de Abril de 1913, por alvará do Governador Civil, foram publicados os «Estatutos da Irmandade de Carpinteiros Navais» que passou simplesmente a ser uma Associação de Socorros Mútuos, perdendo o seu carácter religioso.

De 1928 a 1955, na Capela e respectivos anexos — sacristia e sala da Irmandade — esteve instalado o Cofre de Previdência dos Antigos Arsenalistas. Por decreto de 16 de Julho de 1928, a Irmandade fundiu-se com a Caixa de Pensões do Cofre de Previdência dos Antigos Arsenalistas e em 7 de Novembro publicou-se a portaria que autorizava pôr em almoeda os bens inventariados, alfaias e paramentos, acautelando-se, porém, os quatro seguintes objectos de valor artístico que, por opinião do Conselho de Arte e Arqueologia, ficaram sendo pertença do Museu Nacional de Arte Antiga, de Lisboa: uma cruz do Século XVIII, Santo Cristo de metal dourado engastado em madrepérola; duas murças pretas e um pano encarnado da porta da sacristia com as armas da Irmandade.

O autor deste artigo, quando a Capela foi recuperada para o culto, em 1955, conseguiu que voltasse para o recheio da Capela a cruz e o pano a que acima se faz referência.

No leilão foram vendidos valiosos paramentos de damasco recamados de ouro, tapetes, jarras, quadros a óleo, castiçais, turíbulos, custódias e oito sinos. É de assinalar que as jarras leiloadas de inestimável valor foram adquiridas pelos pais do Contra-Almirante Luís Bogarin Ribeiro Correia Guedes e que na altura da reabertura ao culto, este oficial general as ofereceu novamente à capela.

O actual recheio da Capela, teia, reposteiros, candelabros, passadeiras, credências, paramentos, cálice, etc., foi adquirido com a colaboração das oficinas do Arsenal do Alfeite e de alguns oficiais da Armada que generosamente contribuíram, entre os quais os Comandantes Santos Cabral, Carvalho Almeida e José Martins.

O grande painel a óleo, que sempre se manteve na Capela e foi restaurado em 1955 no Museu Nacional de Arte Antiga, por gentileza do então director Dr. João Couto, é atribuído a Negreiros, pintor português de meados do Século XVIII.

A imagem de S. Roque é de madeira policromada, do mesmo século.

As colunas do altar suportam uma pesada ornamentação de madeira a branco e ouro, tendo do lado direito, em alto-relevo, a figura da Fé, do lado esquerdo a da Esperança e a meio um cordeirinho a escuro e sobre este a coroa. Mais acima, numa oval decorada a anjos e raios de resplendor, o triângulo dourado simbolizando a Santíssima Trindade. Alguns críticos de arte admitem como sendo de Machado de Castro este trabalho.

Formando lambris, as paredes laterais da Capela são revestidas a painéis de azulejos da época, significando várias passagens da vida de S. Roque. Tem a Capela ainda oito figuras a fresco representando os quatro evangelistas e quatro virtudes com os seguintes dísticos: «Amor de Deus», «Caridade», «Religião» e «Constância».

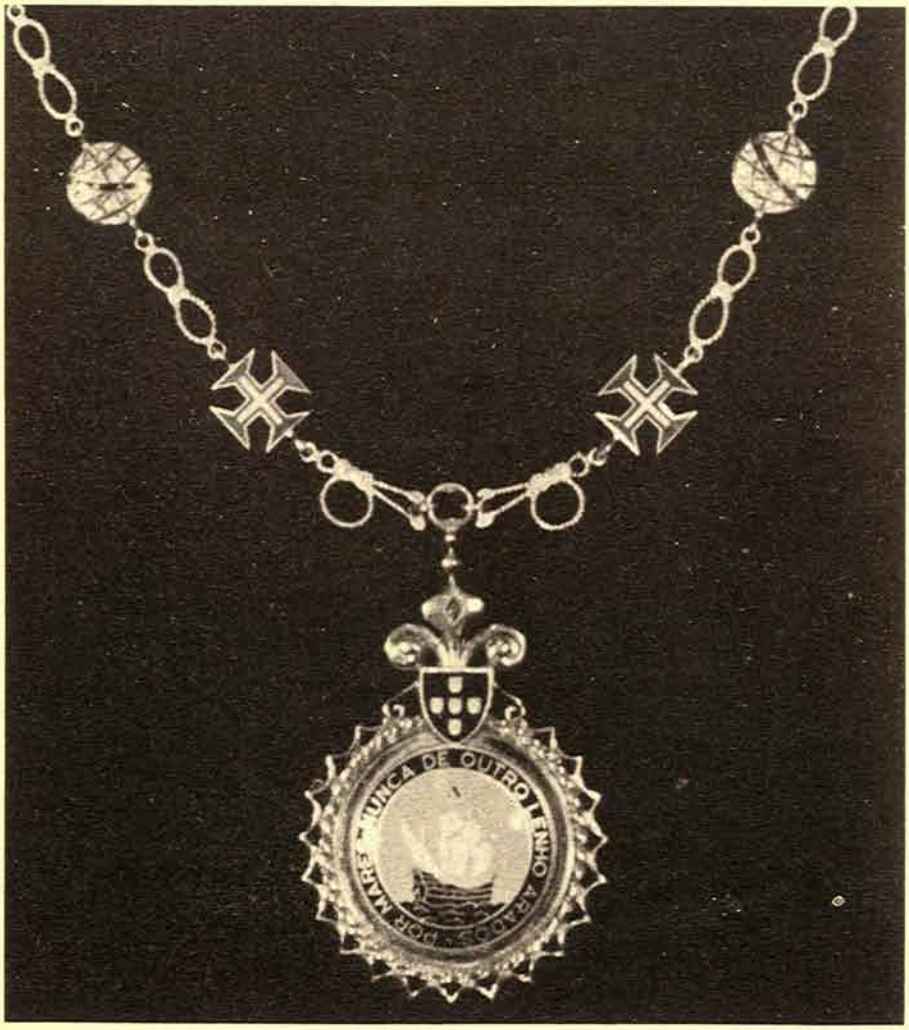
Sobre a janela do coro, está um fresco representando as armas da Irmandade, também restaurado em 1955.

No tecto da antiga sacristia, hoje sala de espera, estão igualmente pintadas as armas da Irmandade que «são constituídas por um escudo bipartido, tendo do lado direito o escudo de Portugal e do lado esquerdo um cão com um pão na boca olhando para um bordão de peregrino encimado por um chapéu com três conchinhas e tendo pendente uma cabaça, objectos estes referentes a S. Roque».

Por cima dessa sacristia ficava a Casa do Despacho da Irmandade dos Carpinteiros Navais, encontrando-se hoje aí a Chefia do Serviço de Assistência Religiosa da Armada.

S. Cabeçadas

Nota: — *Este trabalho teve como principal elemento de consulta o livro «Carpinteiros da Ribeira das Naus», da autoria de A. Sousa Gomes.*



ENTREGA DE INSÍGNIAS DO CENTRO DE ESTUDOS DE MARINHA A SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

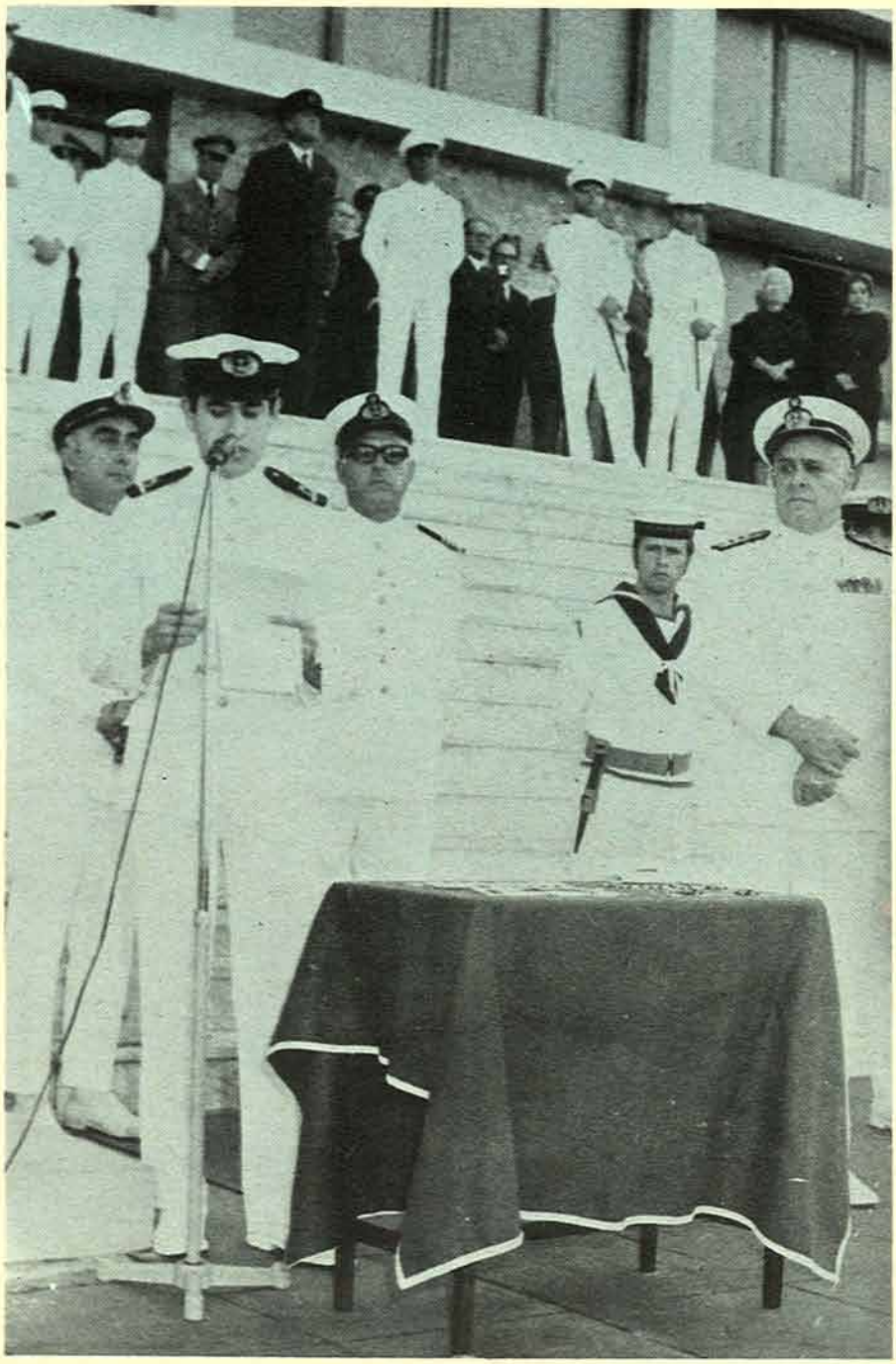
O Ministro da Marinha, acompanhado do Presidente do Centro de Estudos de Marinha, almirante Sarmento Rodrigues, e de chefes de várias secções daquele Centro, fez, no passado mês de Julho, a entrega a Sua Excelência o Presidente da República do colar correspondente ao título de académico da instituição e do diploma de presidente honorário que, por unanimidade, havia sido votado numa das primeiras reuniões do Centro de Estudos de Marinha. O colar, cujos motivos artísticos são da autoria do pintor Alberto Cutileiro, é feito de prata e metal dourado, contendo reproduções da Cruz de Cristo e da esfera armilar, sendo o medalhão constituído por uma caravela com a inscrição «Por mares nunca de outro lenho arados».

CERIMÓNIAS DO DIA DA MARINHA EM LUANDA

Com a realização de várias cerimónias que tiveram grande destaque, comemorou-se em Luanda o Dia da Marinha.

Para além do embandeiramento dos navios das Marinhas de Guerra, Mercante, Pesca e Recreio, o almirante Comandante Naval de Angola depôs um ramo de flores na base da estátua de Vasco da Gama, fez imposição de condecorações a oficiais, sargentos e praças e, acompanhado dos representantes das várias Marinhas, apresentou cumprimentos ao Governador-Geral.

A fragata «Comandante Roberto Ivens» salvou, ao meio-dia, com 21 tiros e, além dela, estiveram patentes ao público um patrulha e uma lancha de fiscalização, tendo os navios e estabelecimentos de Marinha, ao pôr do Sol, iluminado de gala.



A FRAGATA «ALMIRANTE GAGO COUTINHO» NO 25.º ANIVERSÁRIO DA FORÇA NAVAL BELGA

De 16 a 22 de Julho a fragata «Almirante Gago Coutinho», sob o comando do cap. frag. Garcez de Lencastre, representou na Bélgica, em Ostende, a Marinha Portuguesa nas comemorações ali realizadas a propósito do 25.º aniversário da Força Naval Belga. Na parada naval integrada no programa dos festejos, participaram 37 navios das marinhas da Bélgica e de vários países da O. T. A. N. O Rei Balduino e o Príncipe de Liège, Comandante-em-Chefe da Marinha Belga, embarcados no navio de apoio «Zinia», passaram revista às unidades navais, tendo a fragata «Almirante Gago Coutinho» saudado o pavilhão real com uma salva de 21 tiros.

As recepções que se realizaram e os contactos feitos não só com as guarnições das outras unidades, mas também com todo o público em geral constituiram excelentes oportunidades de convívio que grandemente contribuíram para o estreitamento das cordiais relações de amizade que existem entre o nosso país e a Bélgica e respectivas Marinhas.

COMEMORAÇÕES DO DIA DA MARINHA EM LOURENÇO MARQUES

O dia 8 de Julho, Dia da Marinha, foi solenemente comemorado em Lourenço Marques, através de várias cerimónias oficiais que tiveram lugar em diversos pontos da cidade.

Presidiu às cerimónias o Comandante Naval de Moçambique, tendo nas mesmas participado todos os oficiais, sargentos e praças do Comando Naval.

NOVA DELEGAÇÃO MARÍTIMA

Devido ao incremento das actividades piscatórias da região, foi decidido criar a Delegação Marítima de Sagres, a qual fica subordinada à Capitania do Porto de Lagos.

A zona de jurisdição desta Delegação estende-se desde a foz da ribeira de Ceixe até à foz da ribeira de Penacoitão.

NAVIO-TANQUE DE 135 000 TONELADAS PARA PORTUGAL

Numa cerimónia a que presidiu o Ministro da Marinha, foi assinado um contrato com o estaleiro sueco Eriksberg para construção de um navio-tanque de 135 000 toneladas para a SOPONATA. Este é o terceiro navio da mesma série encomendado àquele estaleiro, sendo os respectivos cascos construídos nos estaleiros da LISNAVE.

VISITA DO NAVIO-ESCOLA «CUSTÓDIO DE MELLO»

Com 107 guarda-marinhas a bordo, em viagem de instrução, esteve entre nós de 3 a 7 de Agosto o navio-escola «Custódio de Mello» da Armada Brasileira.

O seu Comandante, capitão-de-mar-e-guerra Paulo Freire, na cerimónia de cumprimentos ao Ministro da Marinha, foi por este agraciado com a medalha de Mérito Militar de 2.ª classe.

Também os marinheiros brasileiros quiseram prestar homenagem à Marinha Portuguesa, com a deposição de um ramo de flores pelo Comandante do navio no Padrão dos Descobrimentos, em Belém, na presença do Embaixador do Brasil, Ministro da Marinha e Chefe do Estado-Maior da Armada.

Os guarda-marinhas embarcados tiveram ainda oportunidade de visitar as Escolas Naval e de Fuzileiros, tendo sido proporcionados à guarnição passeios aos arredores de Lisboa e visitas ao Museu de Marinha.

REGRESSO DO DESTACAMENTO N.º 9 DE FUZILEIROS ESPECIAIS

Regressou de Moçambique no passado mês de Agosto o Destacamento n.º 9 de Fuzileiros Especiais, que cumpriu ali a sua comissão de serviço.

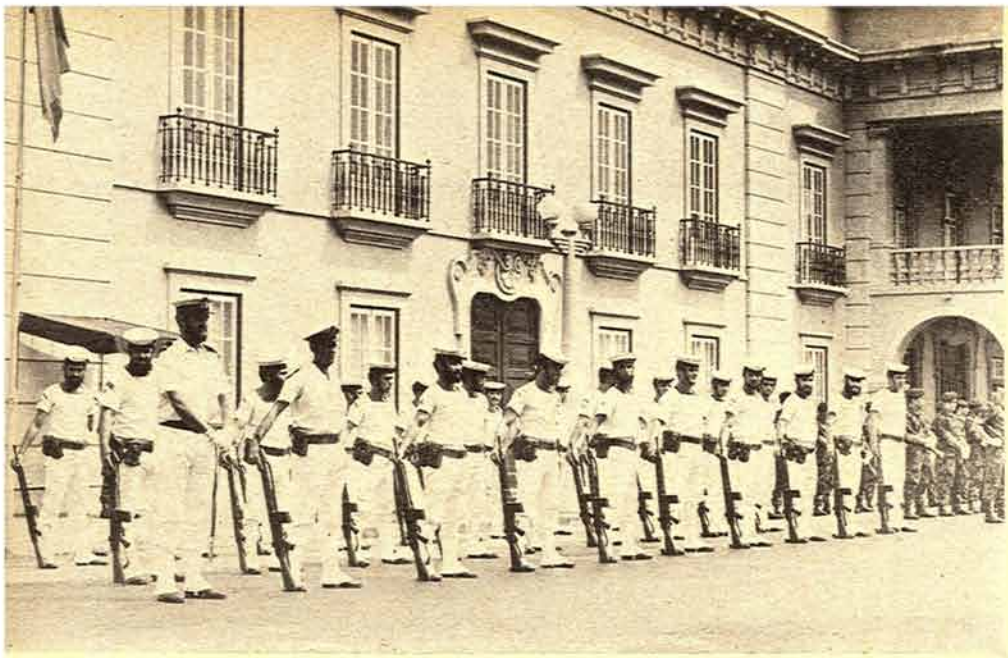
Sob o comando do 1.º tenente fuzileiro Batista Coelho, esta unidade actuou nas áreas do lago Niassa, Cabo Delgado e Tete.

A receber o Destacamento n.º 9 de Fuzileiros Especiais e a apresentar cumprimentos de boas vindas em nome do Ministro da Marinha e do chefe do Estado-Maior da Armada, deslocou-se a bordo o capitão-de-mar-e-guerra Leonel Cardoso.

A CORVETA «AUGUSTO DE CASTILHO» EM ÁGUAS DE CABO VERDE

No passado dia 15 de Agosto, uma explosão na casa das máquinas do navio de carga grego «Lelaps» não só feriu gravemente seis dos seus tripulantes — três dos quais faleceram — como ainda rebentou com alguns encanamentos de combustível, que se incendiou, propagando-se o fogo aos alojamentos da tripulação e aos porões, pelo que teve de ser abandonado o navio.

Ordenado à «Augusto de Castilho» que prestasse o necessário socorro, e com a valiosa cooperação de um avião da nossa Força Aérea, na manhã do dia 16 foi localizado o navio sinistrado e, cerca de duas horas depois, estavam todos os náufragos recolhidos pela corveta.



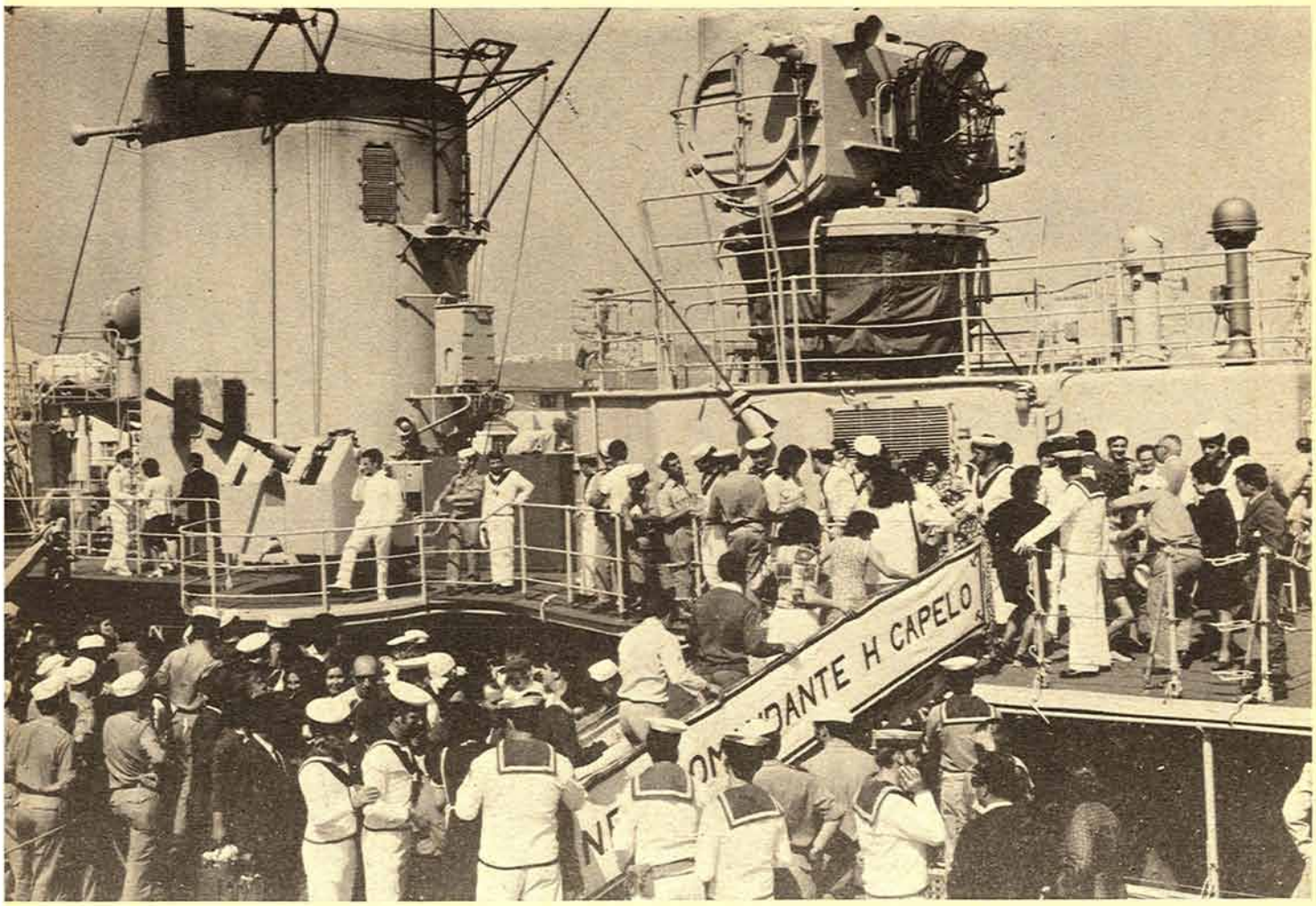
FESTAS DA CIDADE DE LUANDA

Enquadradas nas Festas da Cidade de Luanda, realizaram-se em 15 de Agosto uma missa campal na esplanada da Fortaleza de S. Miguel e uma homenagem a Salvador Correia de Sá, junto ao monumento em frente do Palácio do Governo. Nestas cerimónias tomou parte um pelotão de fuzileiros, do Comando Naval de Angola, integrado na representação das Forças Armadas àquelas comemorações.

CHEGADA DA FRAGATA «COMANDANTE HERMENEGILDO CAPELO»

Regressou no mês de Agosto de Moçambique a fragata «Comandante Hermenegildo Capelo». Comandada pelo capitão-de-fragata Eugénio de Aguiar, esta unidade desenvolveu intensa actividade operacional nas áreas em que actuou, patrulhando as águas nacionais, protegendo a navegação mercante, realizando tarefas de natureza logística e cedendo apoio e controle em desembarques operacionais de forças de fuzileiros. Teve actuação preponderante e decisiva nas acções levadas a cabo quando do desaparecimento do N/M «Angoche».

Apresentou cumprimentos de boas-vindas à guarnição em nome do Ministro da Marinha e do Chefe do Estado-Maior da Armada o comodoro Luciano Bastos.



REGRESSO DE ASPIRANTES E CADETES DE VIAGENS DE INSTRUÇÃO

No fim de Agosto regressaram a Lisboa o navio-escola «Sagres» e a fragata «Comandante Sacadura Cabral» que terminaram viagens de instrução de aspirantes e cadetes da Escola Naval.

Sob o comando do capitão-de-fragata Ferreira da Costa, a «Sagres» realizou uma viagem com aspirantes do 2.º ano e cadetes do 1.º ano que teve a duração de 3 meses e em que foram visitados os portos de S. Vicente de Cabo Verde, Baía e Rio de Janeiro e ainda portos da costa algarvia onde os alunos realizaram exercícios de adestramento.

A fragata «Comandante Sacadura Cabral», comandada pelo capitão-de-fragata Benvindo da Fonseca, cumpriu um período de instrução de aspirantes do 3.º ano com a duração de 2 meses em que o navio escalou portos da Madeira, Açores, Norte da Espanha e Norte da França, tendo os alunos visitado as Escolas Navais do Ferrol e de Brest.

UMA NOVA UNIDADE PARA A ARMADA

Com a presença do comodoro Rogério de Oliveira foi entregue à Armada, em Setembro último, na Doca da Marinha, a nova unidade de desembarque «Alabarda», de 500 toneladas e 60 metros de comprimento, com capacidade para transportar uma companhia de fuzileiros, um carro de combate e outro material.

A nova unidade, que foi construída nos estaleiros Navais do Mondego, ficou sob o comando do 1.º tenente Barreiros Jorge.

O MINISTRO DA MARINHA AGRACIADO COM A GRÃ-CRUZ DA ORDEM MILITAR DE CRISTO

O Ministro da Marinha foi agraciado por Sua Excelência o Presidente da República com a grã-cruz da Ordem Militar de Cristo, numa cerimónia que decorreu no dia 18 de Agosto no Palácio de Belém, pelos serviços prestados ao país no decurso dos três anos passados naquela data no desempenho de funções no Governo.

REGRESSO DA FRAGATA «ALMIRANTE MAGALHÃES CORREIA»

Sob o comando do capitão-de-fragata Rocha Calhorda, chegou em Setembro a Lisboa a fragata «Almirante Magalhães Correia» que desde Maio estava atribuída à Força Naval Permanente do Atlântico.

CUMPRIMENTOS DAS FORÇAS ARMADAS A SUA EX.ª O PRESIDENTE DO CONSELHO

No passado dia 4 de Outubro, os membros do Governo das pastas militares e os oficiais generais dos três ramos das Forças Armadas apresentaram cumprimentos no Palácio de S. Bento a Sua Excelência o Presidente do Conselho, por motivo do seu recente agraciamento com a Ordem Militar da Torre e Espada.

A oração esteve a cargo do Chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos que, em nome de todos e por ser na altura o Chefe de Estado-Maior mais antigo, dirigiu as palavras de cumprimentos a Sua Excelência o Presidente do Conselho.

REGRESSO DO ULTRAMAR DA CORVETA «CACHEU»

Finda a sua comissão de serviço em Cabo Verde, regressou no passado mês de Setembro à Metrópole a corveta «Cacheu».
Sob o comando do capitão-tenente Correia Jesuino, este navio permaneceu naquela Província 18 meses.
A receber esta unidade deslocou-se a bordo o capitão-de-mar-e-guerra Pina Cabral, que apresentou, em nome do Ministro da Marinha e do Chefe do Estado-Maior da Armada, desejos de boas-vindas à guarnição.

IMPOSIÇÃO DE CRACHÁS AOS ELEMENTOS DO CORPO DE POLÍCIA DOS ESTABELECIMENTOS DE MARINHA

Sob a presidência do contra-almirante Comandante Naval do Continente, estando presentes o comodoro Comandante da Base Naval de Lisboa e vários oficiais, realizou-se no passado dia 20 de Outubro a cerimónia de imposição de crachás aos membros do Corpo de Polícia dos Estabelecimentos de Marinha.
Perante a formatura do Corpo o contra-almirante Comandante

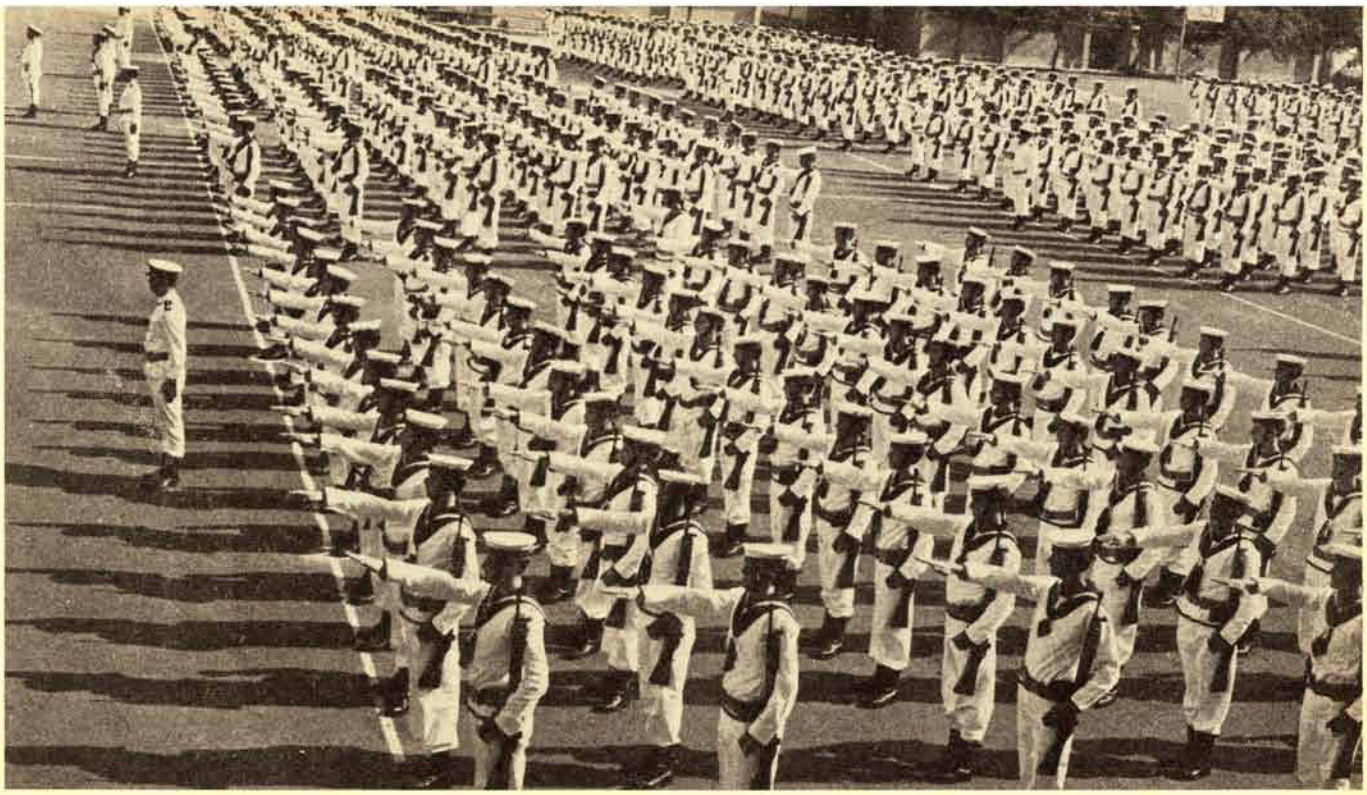
Naval fez uma breve alocução exortando os guardas ao cumprimento da sua delicada e importante missão.
No final o Corpo desfilou perante as entidades presentes.
Mais tarde, todo o pessoal se reuniu num beberete, em ambiente de franca camaradagem.

COMEMORAÇÕES DO ANIVERSÁRIO DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

Comemorou-se no dia 5 de Outubro, com várias solenidades, em todo o País, o 61.º aniversário da proclamação da República.
Em Lisboa, as principais cerimónias tiveram lugar no edifício da Câmara Municipal de Lisboa, onde foi solenemente hasteada, com a assistência de vários membros do Governo, a Bandeira Nacional, a que prestava guarda de honra um batalhão misto de unidades dos três ramos das Forças Armadas e da Guarda Nacional Republicana.
Outra significativa cerimónia evocativa da data decorreu no cemitério do Alto de S. João, com a deposição de uma palma de flores pelo Ministro da Marinha na base do túmulo do almirante Machado dos Santos, acto a que assistiram oficiais generais, representantes dos três ramos das Forças Armadas, estando a guarda de honra a cargo dum pelotão armado de alunos da Escola Naval.

ABERTURA SOLENE DO ANO LECTIVO NA ESCOLA NAVAL

No dia 15 de Outubro, com a presença de Sua Excelência o Presidente da República e de vários membros do Governo, realizou-se a abertura solene do ano lectivo na Escola Naval.
Em número de 382, formaram os alunos na parada, tendo-lhes sido passada revista por Sua Excelência o Presidente da República, após o que se procedeu à distribuição de espadas aos aspirantes finalistas do curso «D. Manuel I», a que se seguiu a leitura dos deveres militares e o juramento de bandeira pelos aspirantes do curso «Almirante Baptista de Andrade» e pelos cadetes da Reserva Naval do 1.º curso de 1970/71, terminando as cerimónias militares com o desfile do Corpo de Alunos.
Na sessão solene de abertura do ano lectivo, o Comandante da Escola proferiu uma alocução depois do que teve lugar a lição inaugural subordinada ao tema «A Crise do Direito Internacional Marítimo» e finalmente a distribuição de prémios aos alunos mais classificados.



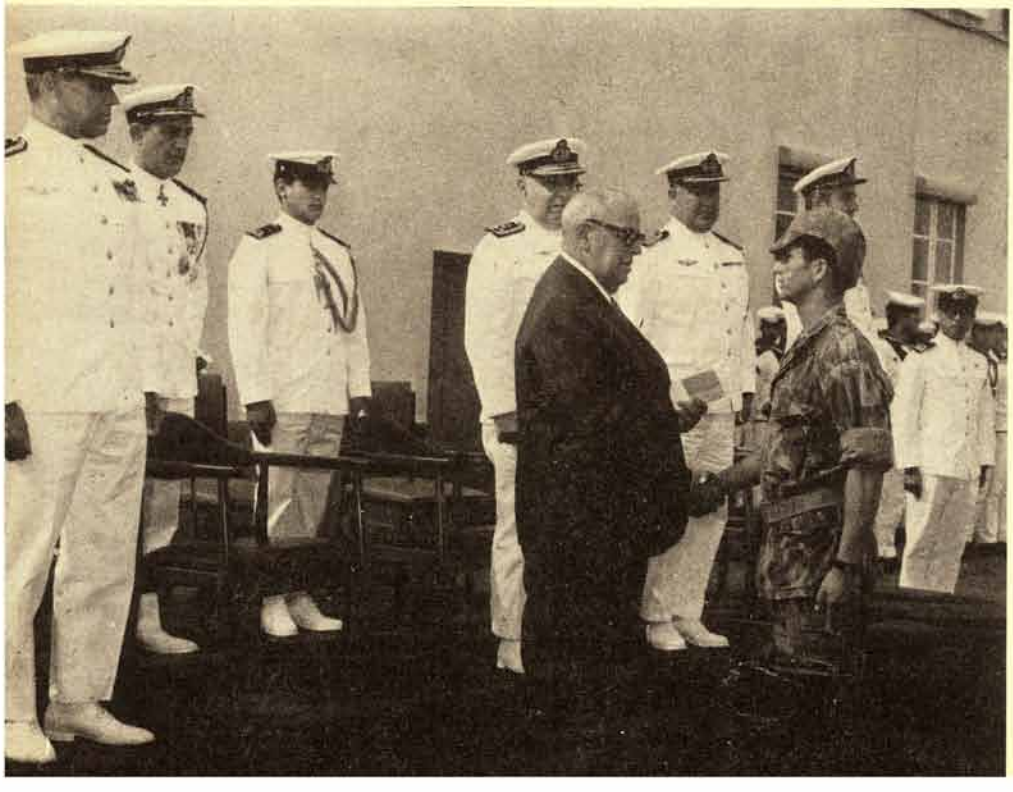
JURAMENTO DE BANDEIRA NO GRUPO N.º 1 DE ESCOLAS DA ARMADA

Sob a presidência do Director do Serviço do Pessoal, juraram bandeira em Vila Franca de Xira 890 recrutas, voluntários e alunos da Reserva Marítima e cursos de Alistamento de Artífices e Músicos, respeitantes à 3.ª incorporação de 1971.

Lida a alocução pelo Director dos Cursos de Instrução de Recrutas, procedeu-se em seguida à distribuição de prémios aos alunos que obtiveram melhores classificações nos cursos, após o que foi proferida a fórmula do juramento de bandeira, repetida pelos 890 militares em parada.

O Batalhão Escolar desfilou perante as entidades presentes, e os alunos realizaram depois exercícios de luta de ataque e defesa, demonstrações de preparação física e manejo de armas.

NOVOS FUZILEIROS ESPECIAIS



Sob a presidência do Ministro da Marinha e com a presença do Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada, do Comandante Naval do Continente, do Comandante da Escola Naval e do Comandante da Força de Fuzileiros do Continente, 141 novos fuzileiros especiais — 13 oficiais e cadetes da RN e 128 sargentos e praças —, componentes do 26.º curso de fuzileiros especiais, receberam as suas boinas numa cerimónia realizada na Escola de Fuzileiros, em Vale de Zebro.

Lida uma exortação, seguiu-se a entrega pelo Ministro da Marinha ao aluno mais classificado do curso do Prémio Marinheiro Fuzileiro Especial Manuel Correia Gomes, após o que foi feita a distribuição das boinas, acto de que se encarregaram as individualidades presentes, perante as quais os novos fuzileiros seguidamente desfilaram.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA MARINHA DOS E.U.A. EM LISBOA

Acompanhado do almirante Eugene Fluckey, Comandante do COMIBERLANT, o Secretário de Estado da Marinha dos Estados Unidos da América do Norte, John H. Chafee, que se deslocou a Lisboa em visita de trabalho àquele Comando, avistou-se com o Ministro da Marinha, com quem trocou impressões.

Após a audiência, o Secretário de Estado norte-americano visitou o quartel do Comando da Área Ibero-Atlântica, em S. João da Barra, tendo partido no dia seguinte para Nápoles.

CHEGADA DO DESTACAMENTO N.º 1 DE FUZILEIROS ESPECIAIS

A bordo do N/T «VERA CRUZ» chegou a Lisboa em 15 de Outubro o Destacamento n.º 1 de Fuzileiros Especiais, que cumpriu a sua comissão de serviço no Ultramar.

Actuando sob o comando do 1.º tenente FZ Santos Carvide, esta unidade exerceu a sua acção na Província de Angola onde, a par das acções e operações em que interveio, teve ocasião de prestar auxílio a aglomerados populacionais sob os pontos de vista sanitário, escolar, ensino de profissões, criação de milícias e protecção individual.

Deslocou-se a bordo a apresentar cumprimentos de boas-vindas em nome do Ministro da Marinha e do Chefe do Estado-Maior da Armada o capitão-de-mar-e-guerra Rocha Calhorda.

FÁBRICA NACIONAL DE CORDOARIA

SECÇÕES DE:

Talho / Peixaria / Charcutaria / Produtos alimentares diversos / Perfumaria / Papelaria Brinquedos / Prendas / Utilidades / Pronto a Vestir e Confecções para Homens, Senhoras e Crianças / Artigos para uniformes / Artigos electrodomésticos / Móveis / Bar.

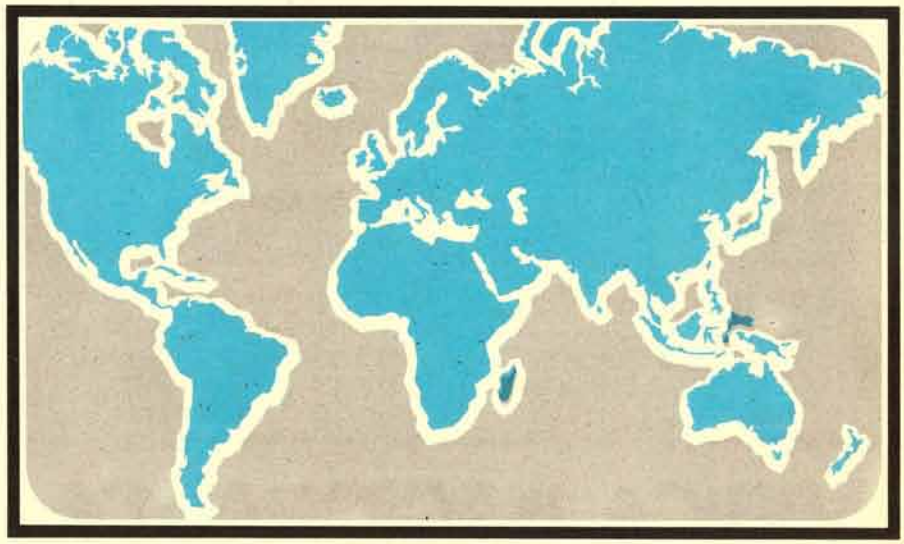
SECÇÕES COMERCIAIS:

N.º 1 – Edifício do Ministério da Marinha
N.º 2 – Edifício da Fábrica Nacional de Cordoaria
N.º 3 – Edifício próprio – Alfeite

No Supermercado do Alfeite existe uma Secção onde poderão ser postos à venda quaisquer artigos desnecessários aos seus donos, medianie uma comissão de 6%

No Supermercado do Alfeite está em construção uma Farmácia e um Restaurante

no mundo aconteceu



NA EUROPA

1 — *INGLATERRA*

O Parlamento aprovou a entrada do país na Comunidade Económica Europeia (Mercado Comum), depois de longo processo de admissão. Este facto constitui o passo decisivo para a integração da ilha numa nova Europa (da qual mal se entendia que estivesse afastada), apesar dos interesses em jogo e dos inúmeros obstáculos ainda a remover para que este nosso continente constitua uma comunidade real e completa.
Agrava-se, dia a dia, a situação na província inglesa da Irlanda do Norte, onde continuam a registar-se vários atentados contra pessoal militar inglês e edifícios públicos e privados, demonstrações contra a presença de tropas de Londres no território, barricadas, prisões e outros reflexos da tensão crescente entre as comunidades protestante e católica. Não se vislumbra, entretanto, qualquer solução justa e urgente para o caso irlandês.
Já se fala mesmo num «Vietname europeu».

2 — *FRANÇA*

A greve, que durante 10 dias paralisou a rede geral do metropolitano de Paris, transformou a capital numa zona poluída, sufocante, densamente povoada, onde a circulação automóvel aumentou em termos de se transformar num gigantesco engarrafamento, produtor contínuo de gases tóxicos. Os milhares de trabalhadores que habitualmente usam o «metro» para a sua entrada e deslocações na zona parisiense, viram-se forçados a servir-se dos seus automóveis, da boleia, das viaturas militares mobilizadas ou... da marcha apeada, para chegarem aos seus destinos. O conflito que opôs os condutores do «metro» à entidade patronal veio assim demonstrar, mais uma vez, que o «fantasma» poluição paira em cada dia sobre as zonas urbanas e pode vir a transformá-las em zonas de morte.

3 — *ESPANHA*

Depois da cólera, chega à Espanha a epidemia de gripe asiática «clìnicamente benigna». Outros países europeus, no Centro do continente (Bulgária, Hungria, Checoslováquia, Roménia), foram igualmente atacados por forte surto epidémico da «asiática».

4 — *ALEMANHA OCIDENTAL*

Ao chanceler BRANDT foi concedido o Prémio Nobel da PAZ pela Academia Sueca.

5 — *ITÁLIA*

O partido monárquico anunciou que, provàvelmente, se irá unir ao partido fascista, com vista ao fortalecimento das «direitas».

Realizou-se em Roma o Sínodo dos Bispos.

NA ÁFRICA

6 — *ZAIRE*

A República Democrática do Congo (Kinshasa) mudou de nome, passando a denominar-se República do Zaire. Como nota pitoresca, salienta-se que o nome Zaire foi dado ao rio Congo pelo navegador português Diogo Cão ao chegar à sua foz no séc. XV

7 — *TANZÂNIA*

Houve novos incidentes militares na fronteira com o Uganda.

8 — *RODÉSIA*

Na capital (Salisbúria), realizaram-se negociações entre o Governo da Rodésia e o da Inglaterra, para solução dos problemas da independência deste território, decretada pelos rodesianos, porquanto os ingleses o consideram uma colónia sua.

NA ÁSIA

9 — *CHINA*

A República Popular da China foi admitida na Organização das Nações Unidas, com expulsão da China Nacionalista (Ilha For-

mosa), depois de votação histórica (durante 22 anos manteve-se a grande nação chinesa excluída desta sociedade mundial de nações). Portugal votou a favor daquela admissão. Os representantes do Governo de Pequim já se encontram em Nova Iorque, ocupando os lugares que pertenceram à Formosa na Assembleia Geral, no Conselho de Segurança, em organismos científicos e culturais e noutras instituições da Organização (F.A.O., U.N.E.S.C.O., etc.).

10 — *ÍNDIA*

O Estado de Orissa foi submetido a catastróficas devastações provocadas por um ciclone, produzindo cerca de 25 000 mortos e deixando sem abrigo perto de 1 000 000 de pessoas. Muitas das vítimas eram refugiados do Paquistão Oriental.
O problema dos 10 milhões de refugiados do Paquistão Oriental, que vem preocupando não só o Governo da Índia como a consciência pública mundial, levou o primeiro-ministro indiano, Sr.ª Gandhi, a efectuar visitas a várias capitais, a fim de expor a gravidade da situação e as suas implicações (fome, epidemia, iminência de guerra).

11 — *PAQUISTÃO ORIENTAL*

Certos movimentos de tropas dos dois lados da fronteira da Índia com o Paquistão Oriental e a tensão existente entre os dois países vêm criando o receio de guerra, enquanto ambos os Governos se acusam mùtuamente de bombardeamentos limitados e entradas de tropas nos territórios respectivos.

12 — *JAPÃO*

O imperador Hirohito e a imperatriz Nagako efectuaram, pela primeira vez em 40 anos, visitas ao exterior do seu território percorrendo sete países estrangeiros.

Iniciou-se a construção de um túnel de 53 km entre duas ilhas, a maior parte do qual será perfurado debaixo do mar, onde circularão comboios de ligação entre as referidas ilhas.

13 — *PÉRSIA*

O país comemorou a criação do Império, há 2500 anos, com cerimónias faustosas nas ruínas de Persépolis (antiga capital, fundada por Ciro). O facto foi largamente criticado em vários países, pela exorbitante despesa feita com os festejos, num país onde muito há a gastar com vista ao desenvolvimento económico. O imperador e a imperatriz, em diversas ocasiões, procuraram justificar tais gastos, sobretudo porque, disseram, as celebrações fariam uma excelente propaganda do país e haveria a esperança de larga compensação pelo aumento do fluxo turístico.

14 — *ALEUTAS*

Apesar de inúmeros protestos de vários países, os E.U.A. efectuaram na ilha de AMCHITKA a mais potente explosão nuclear subterrânea que jamais haviam realizado.

15 — *FILIPINAS*

O presidente Marcos anunciou que vão ser julgadas 63 pessoas acusadas de subversão e terrorismo.

NA AMÉRICA

16 — *CHILE*

Em execução do programa fixado durante a campanha da sua eleição, o presidente da República, Salvador Allende, comunicou a nacionalização da Companhia dos Telefones e declarou que as empresas americanas Anaconda e Kenecott, que eram as proprietárias das minas de cobre já nacionalizadas, deviam ao povo chileno perto de 400 milhões de dólares segundo a peritagem feita por franceses e russos, pelo que não receberiam qualquer indemnização pela mudança de propriedade para o Estado chileno.

17 — *BRASIL*

O Governo está convencido que estão em preparação novas ofensivas contra si, por parte de organizações revolucionárias.

18 — *ESTADOS UNIDOS*

Foi condenado à morte na câmara de gás mais um membro do grupo Manson, o que perfaz sete condenados desta «família» que, no país, assassinou várias pessoas com requintes de ferocidade.

A sonda «Mariner IX» remete para Terra fotografias do planeta Marte e detecta tempestades de poeira.

19 — *COLÔMBIA*

Tomou-se conhecimento da existência de uma tribo de índios até agora desconhecida! Isto sucede na Terra enquanto o homem já «passeia» na Lua e as suas sondas interplanetárias fotografam Marte!

NO MÉDIO ORIENTE

20 — *EGIPTO*

A situação que vem opondo o Egipto a Israel não teve quaisquer progressos positivos que levem a Paz a uma zona do mundo que é encruzilhada de fortes interesses económicos e estratégicos.

21 — *ISRAEL*

Efectuaram uma visita a este país os chefes de Estado do Senegal, Zaire, Camarões e Nigéria, enviados pela Organização da Unidade Africana (O. U. A.) com vista a obter, por meio de diálogo, a paz entre árabes e israelitas. Esta é a primeira «ofensiva» africana de paz na complexa crise do Médio Oriente. Seguidamente, os mediadores deslocaram-se ao Egipto e ao Senegal, regressando ao Médio Oriente.

quarto de folga

PROBLEMAS PARA ENTRETER

Vamos propor mais uma série de problemas que, como os do número anterior, foram tirados da revista SCIENTIFIC AMERICAN AGOSTO 66.
(Publicaremos as soluções no próximo número.)

5.º

Encha um copo de água e deite-lhe dentro um pequeno pedaço de cortiça (serve um bocado de uma rolha). Verá a cortiça flutuar e encaminhar-se para a margem tocando no copo. Terá sempre essa tendência natural. Como se poderá fazer que ela fique sempre no centro sem tocar no copo? O copo não deve conter nada além da água e da cortiça.

6.º

Certo professor alemão explicava como é que na sua terra as pessoas não tinham necessidade de ir ao mar para sentir as sensações do balanço. Punham rodas ovais nos carros. Certo interlocutor que o escutava dizia compreender perfeitamente como se obtinha balanço de popa à proa mas não via bem como se poderia obter simultâneamente balanço de popa à proa e de bombordo a estibordo. Podem dizer como é que se hão-de colocar as rodas ovais para obter o tão simpático «balanço de parafuso»?

7.º

Uns casais amigos foram fazer um piquenique. A certa altura uma das senhoras perguntava ao marido: «Trouxeste o azeite e o vinagre para a salada?» «Trouxe», disse ele, «e para poupar o incómodo de trazer duas garrafas pus tudo numa só.» «Que estupidez!», pensaram todos. Sem coragem de o dizer de viva voz, a mulher replicou: «E agora como é que cada um deita a quantidade que quer, se misturaste as duas coisas?» «Calma aí que já ides ver! Não sou tão estúpido como pode parecer à primeira vista...» E com o espanto de todos pôs a cada um a quantidade de azeite e vinagre que pretendia. Como o conseguiu?

8.º

Estamos numa casa onde não há qualquer espécie de substância metálica (nem nas próprias pessoas), a não ser duas barras de ferro de aparência absolutamente igual. Uma é magnética e a outra não é. Poder-se-ia saber qual das barras estava magnetizada suspendendo-as por um fio, bem equilibradas e vendo qual delas tenderia a ocupar uma posição fixa, o norte magnético. Haverá no entanto algum processo mais simples de as identificar?

ANEDOTA

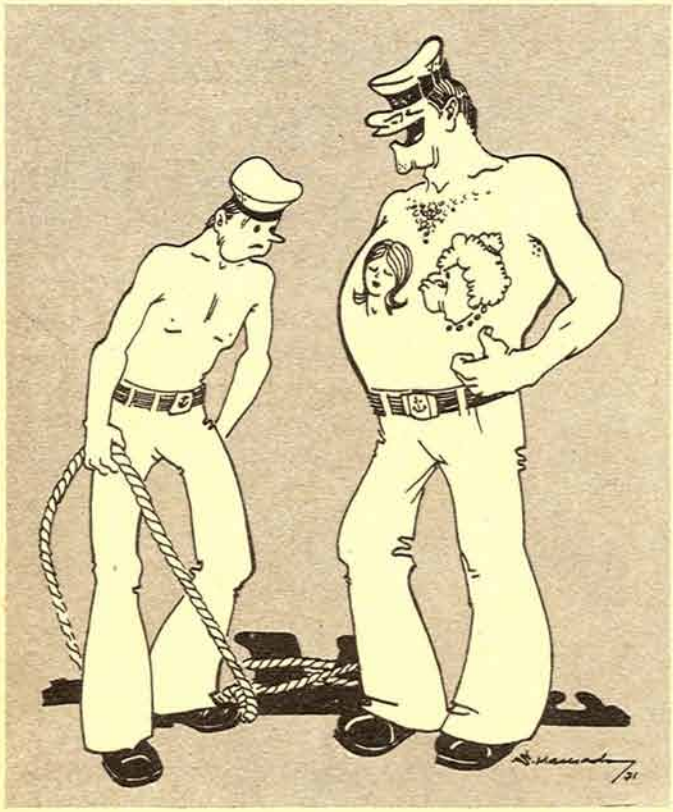
Durante a realização de grandes manobras com a Esquadra do Atlântico, o almirante comandante-chefe andava de um lado para o outro no passadiço do seu navio, evidentemente nervoso e aborrecido. Como o almirante tinha a reputação de descarregar a sua ira sobre os subordinados, nenhum oficial ousava perguntar-lhe o que o contrariava. Por fim, o almirante olhou fixa e demoradamente para os navios que estavam ao redor, virou-se para os oficiais presentes e vociferou:
— Devia haver três porta-aviões e só vejo dois. Onde está o outro?
Ninguém ousou dizer palavra.
— Com os demónios! — replicou ele. — Ninguém me responde? Onde está o outro porta-aviões?
Depois de um minuto de silêncio, o marinheiro que estava ao leme, respondeu tìmidamente:
— Está sob os seus pés, Sr. Almirante.

(Apresentada por: 58/69/1.º grt. L—A. Faria.)

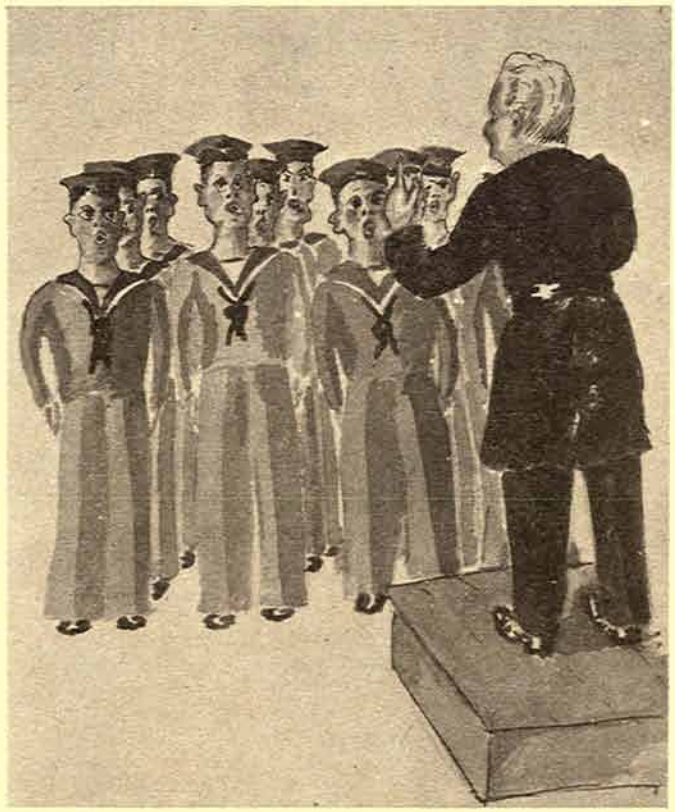
CONCURSO N.º 3

Sorteio de um prémio entre as respostas certas

Fotografia tirada em terras de Portugal. Onde?



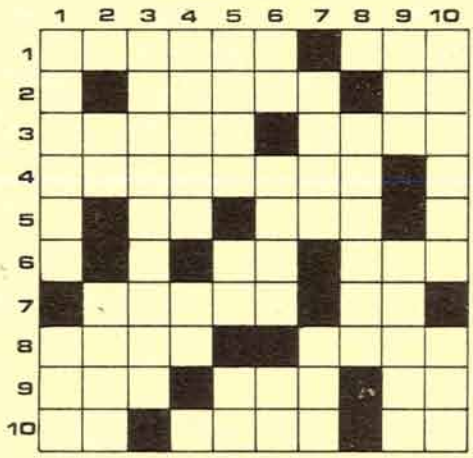
Esta aqui é a mãe, que nunca nos deixava andar sòzinhos



Heróis do Mar! — *Desenho do comandante Augusto Soares de Oliveira.*

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo n.º 3)

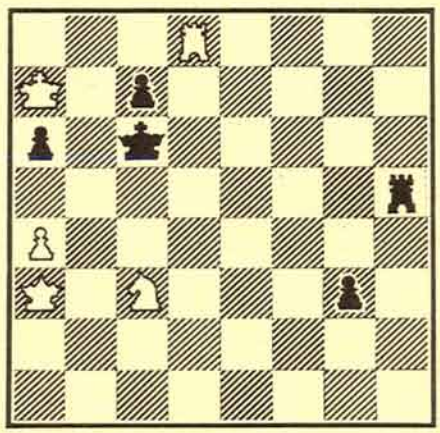


(Solução na pág. n.º 34)

Horizontais: 1 — Osso da maçã do rosto; bolo de farinha de arroz e óleo de coco. 2 — Desinquieta; o mais. 3 — Espécie de palmeira que fornece fibras; jaquetão de saragoça. 4 — Tempero. 5 — Contracção de preposição e artigo (fem.); dá (inv.). 6 — Consoante repetida; uma. 7 — Artéria; as 24 horas sem a. 8 — Banha; senhora. 9 — Negação; caritativo; sair. 10 — Aqueles; troveja; batráquio.

Verticais: 1 — Preguiçoso; indivisível. 2 — Aspecto; nome de mulher (plur.). 3 — Insecto. 4 — Figura arquitectónica de arcos iguais que se cortam superiormente; letra grega. 5 — Falai (gato); consoante repetida; poeira. 6 — Aperte (sem e); gordura do leite; andava. 7 — Cordeiro; mágoa. 8 — Que tem iodo. 9 — Sossego; zunir. 10 — Instrumento musical; constelação austral.

PROBLEMA DE XADREZ



Jogam as brancas e dão mate em dois lances

SEM TÍTULO

Juro que o que vou contar é verdade. Tão certo como o Sol que nos alumia ou as estrelas que brilham no céu. Passou-se no domingo, vinte e cinco de Outubro, quando eu e a minha mulher almoçávamos num «snack» lá do bairro.

A certa altura comecei a interessar-me pela conversa duma senhora sentada numa mesa atrás de mim. Dizia ela: «A menina sente-se, não seja feia... Vá minha querida, obedeça à sua Licas... Você já comeu o seu bifinho, agora deixe-me comer a mim sossegada... Se se portar bem vamos dar um passeio, está bem?... Olhe que a sua Licas não mente...»
Virei-me para saber quem era e estranhei ver só uma senhora. Porém, debaixo da mesa, lobriguei uma pequena cadela preta, presa por uma trela de cabedal entrançado. Era a «menina»!
Com a idade que tenho já poucas coisas me espantam, mas confesso que esta é que eu não esperava. Fiquei banzado!

A certa altura da conversa, que continuou no mesmo tom, entrou um senhor conhecido da senhora e sentou-se à mesma mesa a tomar uma bica.
Fiquei a saber tudo a respeito da «menina». A Licas deu todos os pormenores. Que logo de manhã cedo tinha dado um grande banho à «menina», secando-a e escovando-a muito bem, que depois tinha ido ao talho comprar trinta e um e quinhentos de carne para ela, que a «menina» tinha medo de descer escadas e era a Licas que a trazia ao colo, que brincavam muito uma com a outra, rebolando-se nos tapetes, que a «menina» dormia na cama da Licas com um osso para se entreter durante a noite, etc., etc.

O senhor conhecido da senhora bem tentou mudar de conversa, mas a Licas não ia nisso! A certa altura levantou-se e disse que se ia embora, porque a «menina» estava cheia de sono e queria fazer oó. Pegou num guardanapo de papel, limpou a boca à «menina» (palavra de honra!) e lá foi dar o tal passeio prometido.
E eu quedei-me silencioso e triste, a pensar com os meus botões: «E há quem esteja internado no Júlio de Matos só por ter a mania que é Napoleão!» Bem se diz que lá é apenas o quartel-general e que o grosso das tropas anda cá fora...

M. do. Vale

SOLUÇÕES

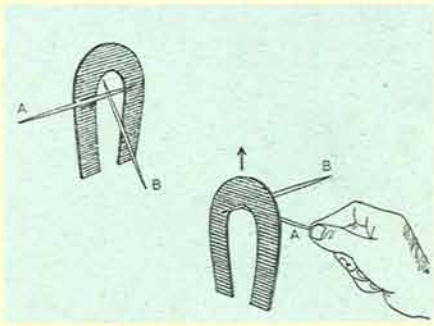
PROBLEMAS PARA ENTRETER

Conforme prometemos vamos dar as soluções dos problemas postos no número anterior:

1.º — A explicação é a seguinte: A ampulheta tem uma ligeira flutuabilidade positiva. Quando toda a areia se encontra no flutuador de cima o seu equilíbrio é instável porque o seu centro de gravidade está muito elevado e o flutuador terá tendência a se inclinar e encostar à parede do tubo. A reserva de flutuabilidade não é suficiente para vencer o atrito na parede do tubo. Logo que passe uma quantidade de areia suficiente para o flutuador de baixo, a ampulheta passará a ter equilíbrio estável e a manter-se vertical, deixando de se encostar com firmeza à parede do tubo. Então, já o atrito se não opõe à subida do flutuador.

2.º — O diâmetro interior aumenta porque a placa manterá as suas proporções ao dilatar por efeito do calor. É o que acontece quando se pretende apertar qualquer coisa com um anel metálico que se aquece primeiramente e depois se deixa arrefecer.

3.º — Meter o palito que se segura com a mão entre o palito de apoio e o cartão, pela parte inferior. Afastar um pouco o cartão ferradura até que o palito de apoio caia sobre o que seguramos. Deixamos agora inclinar para dentro o cartão por forma que a extremidade do palito de apoio apareça do outro lado. Poderemos então erguer todo o conjunto como mostra a figura.



4.º — O columbófilo não tem razão. O peso de um compartimento fechado que contém uma ave é igual ao peso do compartimento mais o da ave excepto quando esta está no ar e tem movimento com uma componente vertical em que haja aceleração. Uma aceleração para baixo reduz o peso do sistema e uma aceleração para cima aumenta esse peso. Se a ave vem em queda livre o sistema será reduzido do seu peso. Uma ave que voe terá pequenas acelerações para baixo e para cima. Duzentos pombos produzirão acelerações positivas e negativas que se anularão conservando-se portanto o peso do sistema.

O. Lemos

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: 1 — Zigoma; apa. 2 — Agita; al. 3 — Ráfia; niza. 4 — Cravinho. 5 — Na; aod. 6 — TT; ate. 7 — Aorta; di. 8 — Unto; dona. 9 — Não; pio; ir. 10 — Os; toar; rã.
Verticais: 1 — Zarcão; uno. 2 — Ar; Anas. 3 — Gafanhoto. 4 — Ogiva; ro. 5 — Miai; TT; pó. 6 — At; nata; ia. 7 — Anho; dor. 8 — Iodado. 9 — Paz; tinir. 10 — Alaúde; ara.

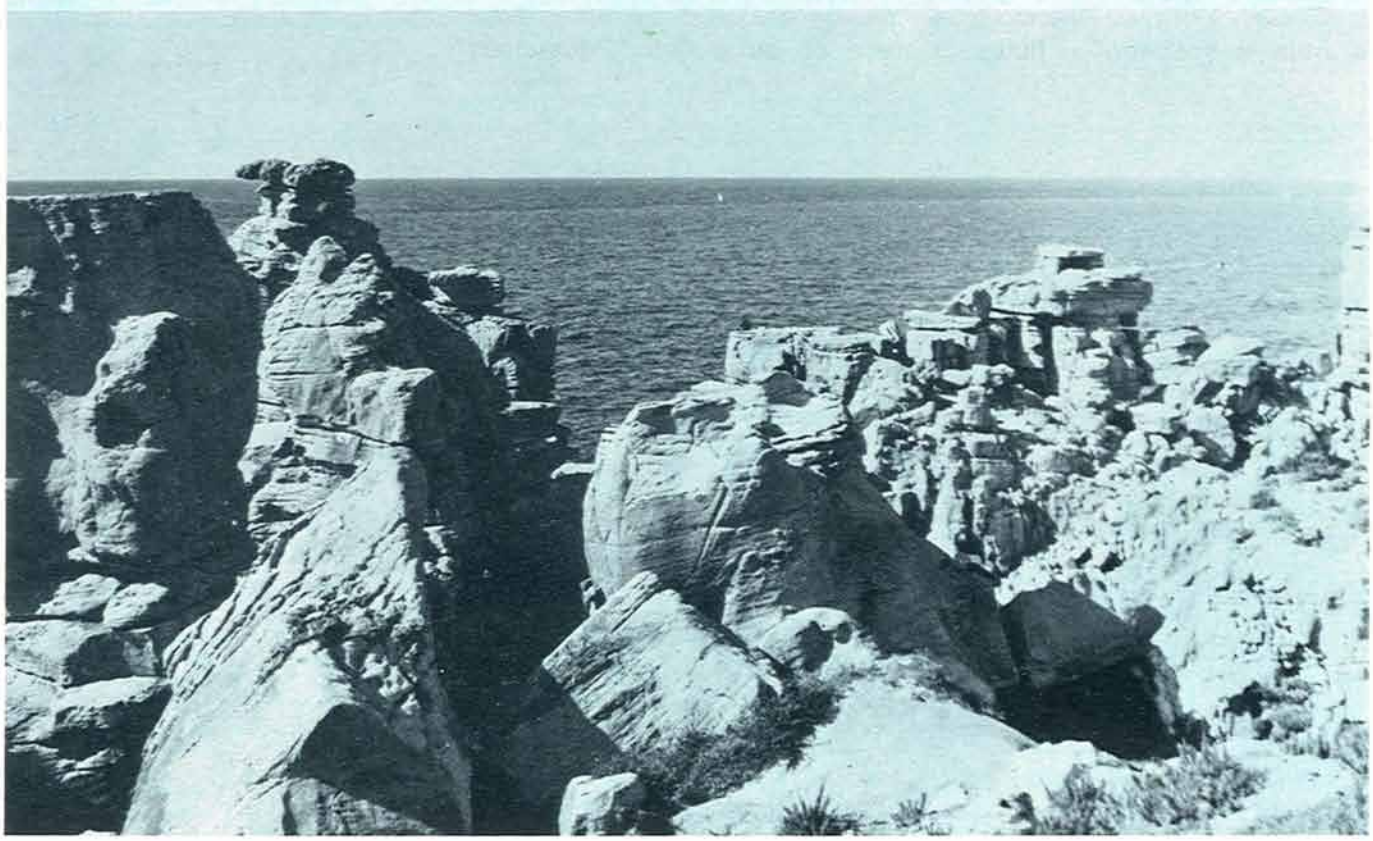
CONCURSO N.º 2

A regra fixa de impressão das pintas nas faces dos dados é que a soma das pontuações de duas faces opostas tem de ser 7. Portanto, oposto ao 5 está o 2, ao 3 está o 4 e ao 6 está o 1.
O dado mal desenhado é, por conseguinte, o 5.

ONDE A TERRA ACABA E O MAR COMEÇA

PENICHE: Aspectos da erosão marinha no litoral português

Fotos de L. C. Gaspar
subten. R. N.



METRÓPOLE

Iluminação do Natal em Lisboa

GUINÉ

Acácias Rubras
(Foto de M. do Vale)

MACAU

Juncos no Porto Interior nas comemorações do Ano Novo Chinês
(Foto de M. do Vale)